



Viva Lula presi- dente !

O lançamento oficial da candidatura de Lula à presidência da República, no 9º Encontro Nacional do PT, no último final de semana de abril, marca um novo momento da campanha do líder petista. A formulação de seu programa de governo e a liderança inquestionável nas pesquisas antecipam o debate sobre os desafios de um governo democrático e popular no Brasil.

Págs. 5, 6 e 7

Entrevista exclusiva com sobrevivente do holocausto nazista.
Págs. 8 e 9

Radiografia do jogo do bicho.
Págs. 10 e 11

Esquerda ameaça Menem na Argentina.
Pág. 14



DIÁLOGO

Bom lembrar

O golpe militar, que depôs o presidente João Goulart, completou 30 anos, no dia 31 de março e estabeleceu, por 21 anos, um regime autoritário no país. Este período da história nacional não deve ser esquecido. Devemos manter viva a lembrança dos "anos de chumbo" e suas conseqüências à sociedade brasileira.

Por atos institucionais, centenas de brasileiros tiveram seus direitos políticos suspensos e ocorreu o fechamento do Congresso Nacional, afrontando o Poder Legislativo, um dos pilares da democracia.

A repressão política foi a tônica do regime militar. As centrais sindicais e a UNE foram extintas, vários sindicatos sofreram intervenções, os meios de comunicação foram censurados, pessoas foram torturadas, mortas, ou estão desaparecidas. A liberdade foi sufocada pela força. Esta retrospectiva do golpe militar, reafirma a nossa posição em defesa da democracia e da liberdade.

Lembramos que na história recente do país, afastamos o presidente da República, cassamos políticos que faltaram com o decoro parlamentar e através da CPI do Orçamento, iniciamos um processo depurativo nos poderes Executivo e Legislativo. Tudo isso foi possível graças ao regime democrático que vive o país.

Salve a democracia. Ditadura nunca mais.

Adriano Bardon Martins
Foz do Iguaçu, PR

Olha o jacaré!

Três amigos resolveram escalar uma montanha. Preparam-se. Discutiram caminhos, consultaram mapas, observaram as condições climáticas e conversaram com alguns remanescentes da mesma aventura, em outros tempos. Tudo pronto, puseram-se a caminho.

Havia no pé da montanha, um pequeno riacho, de aparência tranqüila,

águas claras, raso e de fácil travessia. Os três iniciaram despreocupados a passagem pela água refrescante. Dois deles estavam discutindo o problema da rarefação do oxigênio no pico da montanha. Um deles dizia que seria necessário levar uma garrafa do precioso gás, que se rarefeito poderia ser fatal. O outro retrucava que a idéia era inútil. Segundo ele, bastaria ir dando voltas à montanha, subindo lentamente e a adaptação seria automática. Quando a discussão já estava acalorada, o terceiro, que não havia se interessado pelo tema, observou um olho na água. Isto mesmo! Um olho na água, e não um olho d'água, se tratava de um olho sorrateiro e camuflado de um jacaré. E ele gritou: "Olha, o jacaré"! Mas a discussão sobre o pico da montanha estava em sua parte mais quente: aquela em que um começa a dizer que o outro não raciocina, que o que ele está dizendo é uma estupidez.

Até que o último jacaré foi esquentar no sol, depois de sua primeira refeição daquela manhã radiante, com os pássaros já iniciando os seus cantos e homens começando a despertar nas cidades.

Sávio Silva Santos
Teresópolis, RJ

Debaterá, ou não?

Gostaria, se possível, de confirmar uma notícia veiculada na revista Veja, na seção Radar, de Ancelmo Góis, da segunda semana de abril, na qual o jornalista diz que Lula evitará confronto igual ao de 1989. Ou seja, Lula não participará dos debates dos presidenciais, pelo menos no 1º turno. Se isso acontecer, ficarei muito decepcionado com Lula, porque ele sempre disse que estaria preparado para qualquer debate. Concordo plenamente e não existe motivo para ele evitar este confronto.

Sérgio Euclides de Santana
Santos, SP

*Francamente, companheiros
Nosso povo brasileiro...
Alguém está enganando!
Eleições quase gerais,
E nós não podemos mais,
Aturar, tantos "Fernandos"!*

*O Fernando Collorido
Deixou o país falido
Com tamanha "gatunagem"
"Fernando, Hoje Conhecido" (FHC)
É um candidato "parido"
Para salvar a malandragem!*

*A "guinada" à direita,
Acima de qualquer suspeita
Será o seu maior mal.
O tal "social democrata",
virou aristocrata
E transformou-se em liberal*

*Já o Sarney e o Seu Quércia
apostam alto na inércia
Da memória deste povo...
Seria enorme atraso
Votar em Quércia, ou o descaso
de eleger Sarney de novo*

*Amim e a direitona,
que sempre comem a azeitona
e nos fazem roer o caroço,
apoiaram Collor de Mello
e só ladrões pés de chinelo
levam delles, chumbo grosso!*

*Contra a farsa e os embusteiros
Nosso povo brasileiro
deverá votar consciente.
Vamos votar no PT
e iremos eleger
Lula, nosso presidente.*

Rui Alves da Silva
Chopininho, PR



BRASIL
AGORA

Diretor: Markus Sokol - **Editor:** José Américo Dias - **Editor de Arte:** Pedro Lyrio - **Diagramação:** Cláudia Regina - **Redação:** Antonio Martins, Flávio Aguiar, Hamilton Cardoso, Valtier Pomar, Adélia Chagas - **Sucursal Rio Grande do Sul:** Luciane Fagundes, José Luiz Lima e Marco Antônio Schuster. **Capítulos e Revisão:** Lara Dias e Márcio Venciguerra - **Colaboradores:** Alan Rodrigues, Alípio Freire, Aloisio Moraes, André Singer, Antonio Carlos Fon, Antonio Carlos de Queiroz, Clóvis Castro, Bernardo Kucinski, Breno Altman, Carlos E. Carvalho, Celso Horta, Célio, Cintia Campos, Cláudia Schuster, Denise Neumann, Edmilson de Souza, Emir Sader, Eugênio Buccì, Fernanda Estima, Fernando Patva, Flamarion Maués, Flávia de Sampaio Leite, Flávio Loureiro, Flávio Pachalid, Genaro Urso, Hello Silva, Ivan Selvas, Isaac Akcelrud, João Machado, José Rocha, Juan Pezzutto, Juarez Guimarães, Justino Pereira, Klipper, Linete Martins, Luscar, Manoel Alvarez, Márcia Braga, Márcia Moreira, Marco Aurélio Garcia, Marcos Soares, Maria Lúcia Brandão, Mario Augusto Jakobskind, Maringoni, Marisa Mellani, Marisa Dias Costa, Miadaira, Milton Fogo, Nelson Rios, Nilmaro Miranda, Norma Sueli O. Reis, Nora Napoli, Ohi, Pato, Patrícia Cornils, Paulo Barbosa, Paulo Roberto Ferreira, Paulo Zilbermann, Pedro Ortiz, Perseu Abramo, Raimundo Pereira, Rogério Soffici, Rui Falcão, Sérgio Canova, Sérgio Suster, Walter Ono, Wladimir Pomar, Valdenor Reis. A opinião dos articulistas não reflete necessariamente a linha editorial do jornal.

Brasil Agora é uma publicação quinzenal da Editora Brasil Agora Ltda. - Alameda Glete, 1409 - CEP 01215- São Paulo (SP) Fones: 220-7718/223-0959 - Fax: (011) 222-7761 - **Administração:** Luiz Maler - **Assistente:** Ivanilda Alves - **Gerência Comercial:** Luiz Maler - **Circulação/Assinaturas:** Ana Maria Alves - **Banco de Dados:** Luiz Carlos Medeiros - **Coordenação de Vendas S.P.:** Milton Fogo - **Assinaturas: Rio de Janeiro:** Morani, (021) 284-5064, **Fortaleza:** José Vital (085) 281-8257, **Porto Alegre:** Talles da Rosa (051) 221-7733, **Belém:** Rui Santana, José Maria R. de Souza Filho (091) 224-8579, **Belo Horizonte:** Antonio Borges (Cebola) (031) 222-3735, **Florianópolis:** Wainey Chucre (0482) 24-1148 - **Expedição:** José Valdeci. **Impressão:** DCI Editora - **Distribuição:** Dlnap S/A - **Tiragem desta Edição:** 35.000 exemplares foram impressos no dia 27 de abril de 1994. **Jornalista Responsável:** José Américo Dias

BRASIL
AGORA

FAÇA JÁ
A SUA ASSINATURA
PELO

LIGUE GRÁTIS: 0800-11-1300

O naufrágio da revisão

Depois de sete meses consolida-se a tendência de naufrágio do processo da revisão constitucional. A inoportunidade do processo, denunciado pelo PT, agravou-se face as decorrências da CPI do Orçamento. Depois de todo o trabalho de inquérito é imperativo que o Congresso dê cabo da tarefa de cassar os políticos denunciados, garantindo assim, minimamente, que o parlamento mantenha sua legitimidade dentro do processo democrático. A impunidade somente agravaria a crise política. Os aventureiros da revisão não chegaram à um porto seguro pois enfrentaram uma tempestade no meio do caminho que pôs à pique grande parte da tripulação reformista.

Neste período, em que procurou-se açodadamente revisar a Constituição quatro emendas foram aprovadas, sendo que apenas uma promulgada. Duas emendas foram votadas em primeiro turno: aquela que reduz o mandato presidencial para quatro anos e à que estipula perda do mandato para parlamentares acusados de corrupção.

Antipopular

A emenda promulgada - Fundo Social de Emergência - revelou o caráter antipopular da revisão. Em um ano eleitoral, este fundo centraliza nas mãos do Governo recursos advindos da educação e da habitação popular. Retira rubricas de áreas sociais e garante ao Governo capacidade de caixa para oportunos investimentos políticos.

A ação do PT, nos bastidores e em plenário, foi de fundamental importância para a obstrução dos trabalhos. A ânsia reformadora da direita, sua obstinação pela liquidação do patrimônio público e a quebra dos monopólios do petróleo e das telecomunicações, conseguiram ser barradas por uma estratégia pautada na defesa de votação de uma agenda máxima.

Todas as tentativas para viabilizar a votação desta agenda máxima e garantir aperfeiçoamento do texto foram infrutíferas face a intransigência do

PFL e PPR que não abriram mão de propor a votação da polêmica ordem econômica, especialmente a quebra dos monopólios públicos. Em sintonia com a maioria trabalhadora o PT procurou, por dentro do processo, propor votações que garantissem avançar na agenda política tais como a fidelidade partidária e imunidade parlamentar - e também a votação de um novo sistema tributário nacional que garantisse a progressividade dos impostos, contra o quadro atual de regressão onde quem ganha mais paga menos. Entretanto não fomos vitoriosos.

Pá de cal

A cassação dos parlamentares citados na CPI do Orçamento demandará cerca de cinco sessões, o que acabará jogando a "pá de cal" nas pretensões reformadoras. O calendário político, com a aproximação do pleito eleitoral constringe o parlamento e transfere para as eleições toda a expectativa de renovação política e moral do país. A revisão, mais do que nunca, perde qualquer sentido e fica transferida para a próxima representação congressual a tarefa de produzir mudanças constitucionais.

As eleições de outubro, estas sim, se consolidam como a grande revisão do país. Uma eleição geral que pode alterar a qualidade da representação política do parlamento, resgatando uma legitimidade destruída por um punhado de parlamentares que, usando as prerrogativas de um mandato popular, faltaram com o decoro e a dignidade, reproduzindo privilégios e angariando dividendos pessoais.

O país clama pela dignidade na política. É por isso que a revisão agoniza. Não tem mais o vento da presença popular e de interesse público. À deriva, perdeu seu rumo.

Dep. Fed. José Fortunati
líder da bancada do PT



Como um castelo de cartas

A Secretaria Municipal de Cultura, da Administração Popular de Porto Alegre, sob a iniciativa do dinâmico Fernando Schuller, tem trazido a Porto Alegre, com o apoio dos grandes meios de comunicação, a nata dos intelectuais franceses da chamada nova direita.

Após Cornelius Castoriades, Edgard Morin, Jean Baudrillard e J.M. Maffesoli, Claude Lefort, outro pensador que se destacou pela evolução, a passo de *bersaglière*, de posições de esquerda para um aguerrido combate ao marxismo, palestrou, na Usina do Gasômetro, no dia 17 de abril, durante o ciclo *Como um Castelo de Cartas*, destinado a celebrar os 30 anos do Golpe de 1964.

Claude Lefort viveu quase dois anos no Brasil. Confessou, candidamente, desconhecer a língua dos nativos e falou em francês. O que é perfeitamente desculpável em um acadêmico gaulês e, certamente inaceitável, em um tupiniquim.

Não surpreenderam as posições do pensador. Elas são conhecidas. Um público mingado, considerando-se o que ocorreu aos eventos anteriores da SMC, escutou, por duas longas horas, uma apresentação que, no mínimo, pecou por superficialidade e falta de rigor.

Na primeira parte da conferência, Lefort discorreu sobre o "desmoronamento" do socialismo. A seguir, referiu-se à questão democrática na Europa atual. Para o palestrante, a crise do Leste mergulhou o mundo na perplexidade. Para ele, até os anos 80, a oposição entre "democracia ocidental e comunismo" teria se dado nos marcos da Guerra Fria e os conflitos locais teriam sido resolvidos, sem sobressaltos, pelas duas grandes potências.

Visão conspirativa

É já metodologicamente questionável esta espécie de visãoconspirativa da história mundial. Entretanto, é de se destacar, sobretudo, a importância que Claude Lefort deu ao que chamou de "desmoronamento" do socialismo. Para ele, a queda dos Estados do Leste não se deveria a nenhum "confronto militar", "oposição econômica" ou "gênese de uma nova classe" contra-revolucionária.

O Leste teria desmoronado como um mastodonte antediluviano, esmagado pelo peso do absurdo econômico, político e social por ele mesmo engendrado. O próprio palestrante iluminou as razões da sua insistência na defesa da auto-destruição socialista.

Como o mundo não é um faroeste onde, no fim do filme, os bons vencem sempre, a simples derrota do socialismo não significa sua definitiva negação como alternativa social. Sob as cinzas de uma derrota pode permanecer, latente, a esperança em novas lutas e em um amanhã melhor. Portanto, é necessário que todos se convençam do caráter absurdo do socialismo.

Iniciada em 1917, a luta entre economia planificada e de mercado assumiu um caráter geral - econômico, militar, político, cultural etc. - quando da chamada Guerra Fria. É um simplismo apresentar a derrota da URSS apenas como resultado do esforço, no contexto de recursos limitados, exigido pela corrida armamentista determinada pelo

imperialismo. Desconhecer este e outros aspectos da luta à morte entre capitalismo e socialismo, e apresentar a queda da URSS como suicídio autofágico, é caçar da inteligência dos ouvintes.

A destruição da economia planificada, em vez de levar o Leste ao prometido paraíso do consumo, enviou-lhes sinistros demônios da economia de mercado - racismo, desemprego, máfias, droga, nacionalismo, pornografia etc. Na segunda parte da palestra, Lefort tentou explicar por que o liberalismo não cumpriu suas promessas.

Fim da criação?

Para Lefort, tão profunda seria a degeneração em que o socialismo teria deixado as populações do Leste que elas encontram-se incapacitadas de criarem os mecanismos ideológicos, sociais e políticos que travem os eventuais excessos do liberalismo econômico. Portanto, para ele, também isso deve ser posto na conta do socialismo.

Ao referir-se à marginalização de crescentes parcelas das populações da Europa rica, resultante da aplicação das receitas neo-liberais, Lefort defendeu a distinção entre liberalismo político e econômico. Segundo ele, ao primeiro, devemos aceitar, por ser fonte essencial da democracia. Ao segundo, apesar dos seus excessos, por ser categoria econômica inevitável. Portanto, só nos restaria a resignação e acender uma velinha pelo que nos espera.

Apesar de triunfante, o capitalismo vive profunda crise. Mesmo no mundo rico, oferece a imensas massas populares apenas ameaça de desemprego, destruição ambiental, miséria urbana, pobreza existencial.

A rústica argumentação liberal não se deve à falta de imaginação ou ilustração. É determinação materialista que das pedras não se tira leite. A apologia capitalista torna-se necessariamente aforística e axiomática. Vale pelo caráter conservador e é validada pelo prestígio que lhe é concedido pelos meios de formação da opinião. O que explica a prepotência, abastardamento e vulgaridade de discursos sociológicos, como o de Claude Lefort, ou jornalisticamente, como o Paulo Francis e cia.

Promoção

Boa parte das maiores iniciativas da SMC se tem pautado pela promoção de intelectuais liberais e conservadores. Tais promoções não têm criado nem mesmo a oportunidade para que se estabeleça um debate contraditório. Elas têm sido ampliadas e recebem o apoio entusiástico dos meios de comunicação que militam pela vitória das políticas privatistas.

Sobretudo no momento em que nosso país prepara-se para um confronto eleitoral com profundas e talvez duradouras consequências para a vida da população brasileira, somos obrigados a fazer uma prosaica pergunta:

A final de contas, pra que lado chuta a Secretaria Municipal de Cultura?

Mario Maestri é doutor pela Université Catholique de Louvain (Bélgica) e professor de história do Brasil na UFRGS.

NÃO BASTA DIZER "O PETRÓLEO É NOSSO"

TEM QUE SABER O QUE VAI
ACONTECER SE O PETRÓLEO
PASSAR A SER DELES...



Muita gente que lê este jornal sabe que o petróleo não pode ficar nas mãos das multinacionais. Mas tem muito mais gente que não lê este, nem nenhum outro jornal, que não compreende nada desta história de "soberania nacional"...

A quebra do monopólio estatal do petróleo tem consequências imediatas sobre nossa economia. Por exemplo: a definição dos preços ao consumidor do gás de cozinha, do óleo diesel, do óleo industrial e da gasolina pode deixar de ser uma atribuição do governo federal. E passar para as mãos da Esso, da Shell, da Texaco.

Aí sim, o peso desta decisão vai acabar no bolso de todo leitor ou não leitor de jornal...

FEDERAÇÃO ÚNICA
CUTISTA / PETROLEIROS

CUT

COMITÊ EM DEFESA
DO MONOPÓLIO
ESTATAL DO PETRÓLEO
E DA PETROBRÁS



**MOVIMENTO
EM DEFESA
DO SISTEMA
PETROBRÁS**

É DO POVO, NÃO SE ENTREGA.

PARA APOIAR ESTA LUTA DISQUE: Mauá (011) 450-5322, SP (011) 255-4972, SJC (0123) 29-7188, Santos (0132) 34-5964, Campinas (0192) 41-6144

ACCRA

Começa nova fase

Depois de percorrer 30 mil quilômetros em caravanas pelo interior do Brasil o PT se volta agora para os grandes centros urbanos

Os grandes centros urbanos passam a ser, a partir do 9º Encontro Nacional do PT que lança oficialmente Lula como candidato, o principal alvo da campanha presidencial petista.

E isso não é por acaso: o partido mapeou como alvo 100 cidades brasileiras pois é nelas que se concentram nada menos do que três quartos do eleitorado que irá votar em outubro.

São nessas cidades que o PT centrará fogo na massificação da campanha de Lula, que lidera a corrida presidencial com 37% de preferência. Depois de percorrer em caravanas durante um ano, 600 municípios dos mais longínquos grotões, para atingir os setores tradicionalmente excluídos, o PT agora direciona a campanha para a grande cidade.

Gilberto Carvalho, secretário-geral nacional do PT e integrante da coordenação da campanha de Lula, avalia que a partir de junho o partido já estará a todo vapor principalmente nos seis colégios eleitorais mais numerosos: São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Rio Grande do Sul e Paraná.

Roteiro

A campanha tomará impulso ao final do 9º Encontro Nacional. Serão criados os comitês populares "Lula Presidente", livres e independentes da estrutura partidária. A idéia, explica Gilberto, é treinar coordenadores estaduais para dar sustentação a organização dos comitês além de fornecer outro tipo de apoio, como o serviço "Disque Lula" e a cartilha "Porque Eleger Lula Presidente", onde consta o programa de governo em linguagem po-

pular.

Além disso, também serão organizados comitês setoriais, com estruturas nacional, estadual e municipal.

No setor sindical, por exemplo, a intenção é fortalecer comitês de categorias que tenham grande contato com o público, como bancários e carteiros.

Na área dos comitês setoriais foi lançado o Fórum dos Comitês Religiosos. Segundo Gilberto, o Fórum ecumênico já teve duas reuniões com a participação de diversas crenças.

Em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Belo Horizonte foram criados comitês de artistas e cultural. "Cada um desses comitês tem como objetivo pensar na melhor forma de levar a campanha de Lula em seu setor", lembra Gilberto.

Nessa fase de estruturação da campanha também estão sendo organizados comitês da Juventude, para incentivar o voto entre adolescentes de 16 anos.

Os movimentos populares também terão seus comitês: negros, deficientes físicos, mulheres, lutas urbanas, índios, infância e adolescentes, saúde, educação e terceira idade. "Eles serão de muita importância para que o partido não faça besteiras e seja preconceituoso", acredita Gilberto.

Nessa fase de estruturação da campanha, o PT pretende privilegiar bastante o Estado de São Paulo, por acreditar que a candidatura de Zé Dirceu pode crescer muito. "Não há como negar que em São Paulo existe a concentração de poder e de número de eleitores", avalia Gilberto. A campanha também terá grande ênfase nos Estados do Sul e Sudeste.



Lula cumprimenta populares durante caravana

Alianças

O PT já acertou aliança nacional com o PSB, PC do B, PCB e PSTU. Está em negociação com o PV (que está dividido entre Lula e Fernando Henrique Cardoso) e em diálogo com o PMN. Gilberto garante que o PT pretende continuar com sua ofensiva para obter o apoio de Leonel Brizola, candidato do PDT. Brizola respondeu com dureza e uma negativa a aliança.

A idéia do PT quanto ao PDT, explica Gilberto, é ganhar suas bases para o segundo turno. "Esse é um eleitorado que pode vir a nos apoiar", diz Gilberto.

O critério para as alianças regionais, por agora, é com os partidos que apoiam Lula. Mas admite-se que no

segundo turno se façam alianças com outros. Por exemplo, o PT está amarrando apoio do Dante de Oliveira, PDT do Mato Grosso, e com Jackson Lago, do PDT do Maranhão. São palanques garantidos para o segundo turno. Em alguns Estados (vide quadro) o PT está forte com candidatura própria apoiada por outros partidos, como é o caso do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Distrito Federal. Já em outros Estados, como a Bahia, existe inclusive interesse de apoio ao PSDB, partido do principal adversário de Lula, FHC. Os pessedebistas baianos, contudo, ameaçam abandonar FHC, devido a aliança com o PFL. No Rio Grande do Norte e na Paraíba, ainda existe um processo de negociação de alianças.



**Gilberto Carvalho
secretário-geral
nacional do PT**



Crescimento da campanha preocupa adversários

Um ano de caravana

Terminou na última semana de abril a sexta e última caravana de Lula pelo Brasil antes do Encontro Nacional do partido que deflagrará oficialmente a campanha presidencial. Foi um ano de estrada, comemorado no dia 19 de abril com bolo e tudo. A sexta caravana percorreu três Estados do Norte: Maranhão, Tocantins e Goiás.

Ao todo foram percorridos neste ano de viagens, 30 mil quilômetros e 600 cidades de todos os Estados brasileiros, a exceção do Espírito Santo. Este Estado, por ter ficado fora dos roteiros

anteriores, terá uma caravana especial, assim como também está prevista uma para a região do Vale do Rio Francisco, durante os jogos da Copa do Mundo.

A última caravana teve o mesmo sucesso que as anteriores, com uma programação intensa. De início, estava prevista a parada diária em três ou quatro cidades, mas Lula e sua comitiva acabaram fazendo o dobro de paradas previstas, com comícios e atos públicos em todos os horários do dia, tanto podendo ser às 11 da manhã como a meia-noite.

O que eles esperam

Quatro intelectuais falam de suas expectativas em relação

Ao encerrarmos esta edição faltavam poucas horas para que fossem instalados, em Brasília, os trabalhos do 9º Encontro Nacional do PT. As chances de uma vitória da esquerda em outubro são inéditas. Ainda que sem triunfalismo, sem desprezar a força e a capacidade de manobra das elites brasileiras, o 9º Encontro tinha a responsabilidade de adiantar as discussões sobre o programa que o partido e seu candidato apresentarão ao longo dos próximos meses aos eleitores.

No debate em torno da plataforma um tema tende a sobressair. Que medidas de impacto Lula apresentará em seus primeiros meses de governo? De que modo mobilizará o povo? Como enfrentará as elites, desejosas de manter seus privilégios?

***Brasil Agora** abre suas páginas para que quatro intelectuais debatam o tema. Nos textos abaixo, escritos de laura própria ou produzidos a partir de entrevistas, Antônio Cândido, Cristóvam Buarque, José Gomes da Silva e Maria Vitória Benevides falam sobre o tema.*

“Credibilidade é fundamental”

Para a professora Maria Vitória Benevides, da Universidade de São Paulo, (USP) o passo “número um” após uma possível vitória do PT é montar uma equipe de governo que tenha credibilidade. Ela explica: “Não só para o partido, porque isso é óbvio, mas para toda a sociedade: tanto no campo interno como no externo”

A equipe tem que ter competência, ética e compromisso. A socióloga argumenta: “O PT tem que mostrar que pode governar. Isso tem que acontecer, em decorrência da imagem equivocada que estão querendo passar sobre Lula e o partido”. Durante a campanha, diz Maria Vitória, a propaganda anti-Lula engloba basicamente dois pontos: um apela no sentido do despreparo do candidato e outro cria a imagem de um Lula refém do partido. Por isso, de acordo com ela, o PT precisa dar uma prova inequívoca, no primeiro momento do governo, que conseguirá administrar o país.

O desafio subsequente implicaria em mostrar que o projeto de redistribuição de renda é viável. “Este projeto precisa ser transmitido para a população de forma clara” diz a professora. Pontos básicos, como, emprego, salário, saúde, seguridade social, educação, política agrária e agrícola diferenciam o PT dos outros partidos. Por isso, tais questões precisam ser colocadas de forma concreta e não abstrata.



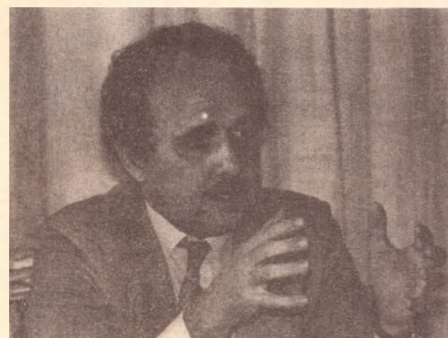
MARIA VITÓRIA BENEVIDES

Maria Vitória elenca também os possíveis conflitos, e esclarece: “A história já demonstrou várias vezes que atos subversivos, muitas vezes foram atribuídos à esquerda, quando a direita era autora. Rememora os exemplos, porque não descarta a possibilidade de atos como estes, por setores criminosos da classe dominante. Diz também que os meios de comunicação vendem idéias descoladas da realidade. E critica a falsa imagem que alguns setores querem passar sobre o governo do PT.

Outro aspecto comentado por Maria Vitória é a expectativa da população. Segundo ela há um desejo que o governo resolva problemas seculares rapidamente, daí ser importante a viabilidade do programa para cinco anos.

Adélia Chagas

“Não podemos demorar”



CRISTOVAM BUARQUE

Cristóvam Buarque, candidato do PT ao governo do Distrito Federal, ex-reitor da Universidade de Brasília foi enfático: “O governo Lula precisa tomar medidas imediatas. Entretanto, as atitudes não podem ficar limitadas ao horizonte das emergências atuais, ou ao mandato presidencial”.

Como um dos coordenadores do programa de educação petista, Cristóvam inclui o tema entre as providências fundamentais do novo governo. “Todas as crianças têm que fre-

quentar escolas gratuitas de boa qualidade e em período integral, não importa a renda dos pais”, disse Buarque.

O professor enumera também outras questões que o governo Lula terá como desafio e precisa proporcionar a solução: a saúde, a alimentação e o o campo. Tudo isso, logo no começo. Por isso o cronograma tem que estar adaptado à realidade. E lembra: “Não podemos demorar com as medidas para executar o que a realidade prevê”.

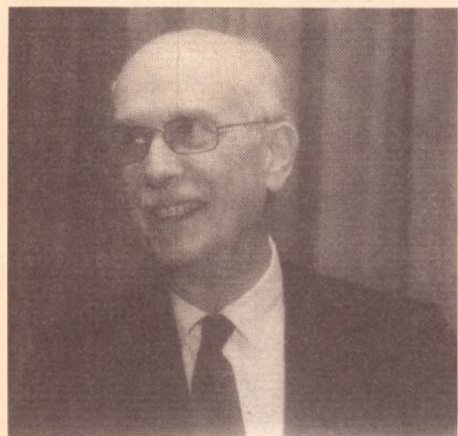
Buarque menciona as resistências que o governo petista pode enfrentar. Ele terá de superar os interesses de grandes empresários, banqueiros e nas grandes fortunas. “Esses setores, com certeza não querem mudar as prioridades nacionais”, afirma. Mas, considera também que grandes empecilhos vão ser criados pelo Judiciário e por alguns tecnocratas. “Na Justiça sempre haverá pessoas contra as medidas necessárias e será preciso um juiz que dê ganho de causa ao povo”, diz.

Adélia Chagas

do governo Lula

aos primeiros meses de esquerda no Palácio do Planalto

“Enfrentar a desigualdade”



ANTÔNIO CÂNDIDO

“O mais importante, como sabemos, é o próprio estado geral do Brasil, onde aumenta cada vez mais o abismo entre a minoria privilegiada e a absoluta maioria espoliada. Este é um processo execrável, que dá ao país um perfil da mais revoltante iniquidade. Ele deverá ser enfrentado como a tarefa básica, da qual dependem as outras, porque no fundo envolverá todo o esforço do governo. É tarefa que não será realizada de repente, mas tem de ser bem encaminhada para nos afastar da esfera do insuportável, que já está aí.

A igualdade real

“A vitória de Lula significaria antes de mais nada o nascimento da esperança. É claro que uma vitória petista não vai instaurar o socialismo no dia seguinte, mas garantirá o advento de uma mentalidade marcada pelas aspirações socialistas, que obrigam a lutar pela igualdade real, não a igualdade formal do liberalismo. O fato de ter aspirações socialistas levará certamente o governo a tomar medidas concretas e eficientes para realizar aquilo que as classes dominantes inscrevem nos programas e proclamam nos pronunciamentos, mas não cumprem. Refiro-me a medidas destinadas a permitir a conquista da igualdade real. Ora, a igualdade real tem como requisito que todos possam contar com os mínimos vitais e sociais indispensáveis para a vida digna, e só um governo de inspiração socialista será capaz de assegurá-los. Hoje, diante da evidência gritante dos fatos, os partidos e os governos costumam reconhecer a inexistência dos requisitos os mínimos e prometem estabelecê-los, mas muito poucos tentam realmente fazer isto, porque não querem mexer na estrutura econômica e social. Um governo do PT significaria o começo de um processo nesse rumo, permitindo que, uma vez

provida de casa, alimento, saúde, instrução e trabalho a maioria da população possa viver sem os medos paralisantes que a oprimem hoje, inclusive o de não sobreviver.

Incerteza

“Esclareço para começar que quando falo em medo não estou pensando em covardia ou receio de agir. Penso na insegurança, na apreensão permanente causada por fatores como a incerteza do amanhã. Esse temor domina a maior parte dos brasileiros, que não sabem se no dia seguinte vão comer, se serão expulsos de casa, se receberão algum salário, se este permitirá alimentar a família e assim por diante. Sob este aspecto o Brasil é um país corroído pela angústia da insegurança, que é dos fatores mais graves de desequilíbrio emocional e social. Um caso concreto e clamoroso entre todos é o do preconceito de cor. De um governo petista devemos esperar políticas eficientes para garantir a existência normal dos afro-brasileiros, que até agora têm sido postos sistematicamente de lado, sem oportunidades de realização pessoal, obrigados a passar por humilhações diárias nas mais diversas situações, sempre incertos de como serão tratados e vivendo por isso em estado de insegurança crônica. Enquanto não caírem as barreiras de fato entre brancos e negros não será possível falar nem em meia democracia neste país. O que acontece aqui por trás da hipocrisia geral do “no Brasil não há preconceito” é uma ignomínia, da qual somos todos culpados. Sobre tudo levando em conta que, salvo os oriundos de imigrantes recentes, os brancos brasileiros têm quase sempre sangue africano nas veias.

“É possível prever muitíssimas dificuldades para o novo governo. É fácil imaginar quantas forças de sabotagem, difamação, ocultação da verdade, deturpação dos fatos serão postas em andamento para atrapalhar e desmoralizar. Mas no momento quero destacar apenas dois perigos, um interno e outro externo ao PT.

“O perigo interno é a pressão eventual dos companheiros que acham ser possível instaurar o socialismo de repente, em vez de adotar com determinação medidas que abriam o caminho para ele. O perigo externo é a força que os grupos dominantes farão para afastar Lula do seu partido, com a esperança de amaciá-lo, cooptá-lo e afinal neutralizá-lo.”

Antônio Cândido de Mello e Souza é escritor e professor aposentado de Literatura Brasileira da USP.

“Desafios sem conta”



JOSÉ GOMES DA SILVA

“Em primeiro lugar, é preciso lembrar que, depois das frustrações com os políticos conservadores, com as decepções dos governos militares e a inoperância dos intelectuais, chegou a vez de tentar um operário na presidência da República. Porque não? os exemplos de um lenhador dirigindo os Estados Unidos (salvando a União) e de um ferroviário como primeiro-ministro da Austrália não são exemplos suficientes?

Em segundo lugar, não será preciso fazer nenhum exercício de futurologia para imaginar o que vai acontecer quando Lula chegar lá. Para quem por três vezes já chegou a postos de confiança, como oposição, depois de governos calamitosos — exatamente o cenário — não será difícil imaginar o que aguarda um governo popular.

“No caso da agricultura, a perspectiva é de desafios sem conta e lutas homéricas para vencer o conservadorismo, dose dupla em nosso setor.

Chega de favores

“Lula é antes de mais nada um homem inteligente e exatamente por isso não irá desorganizar o chamado segmento produtivo. O Brasil, depois de Collor, não comporta mais aventuras. Os 80 mil empresários de Mário Amato e seus colegas da agricultura podem guardar seus passaportes e dormir sossegados. Podem, por outro lado, estar igualmente seguros que não mais irão contar com subsídios fartos, taxas de favor, incentivos fiscais generoso e outras benesses desse tipo. As prioridades estão de longa data definidas, têm sido proclamadas com frequência e estão escritas em letra de forma em todos os documentos do partido. Existem 2,16 milhões de estabelecimentos agrícolas familiares, com área média de 30 hectares que não podem continu-

ar desaparecendo da paisagem rural brasileira. Esses serão os clientes prioritários, tais como os grandes (apenas 25% daquele número de estabelecimento) foram os beneficiários da chamada “modernização conservadora” dos anos sessenta e setenta.

Reforma agrária já

Simultaneamente, Lula está se comprometendo a iniciar um processo de democratização da propriedade e da posse da terra. Num país em que há gente obrigada a comer carne humana, não é possível que mais de 5 milhões de famílias não consigam um pedaço de terra para plantar e que mais de dois milhões de minifundistas tenham que expulsar os filhos de casa porque já estão acotovelados em minifúndios de tamanho anti-econômico. Lula não terá tempo nem instrumentos para fazer a Reforma Agrária na dimensão que o Brasil precisa. Lula apenas iniciará o processo e aí a sociedade brasileira, como aconteceu com os Estados Unidos, Itália e Japão e outras nações modernas, vendo que se trata de uma coisa boa (e não daquilo que os latifundiários apregoam) cuidará de completar o processo em outros governos.

Também aqui Amato e seus colegas da agricultura podem ficar tranquilos. Nenhum agricultor digno desse nome irá ser afetado e limites generosos para áreas não desapropriáveis foram fixados. Mas latifundiários, especuladores fundiários e *habitués* nominais dos incentivos fiscais, certamente perderão seus privilégios no Governo Lula.

Creio que não escrevi aqui nenhuma novidade. Tudo isso foi dito em 1989, foi repetido nas Caravanas da Cidadania e tem sido confirmado pelo candidato. O único fato novo, agora, é que tudo isso começa a ser aceito pela sociedade brasileira, inclusive pelo fazendeiro que rabisca estas notas.

José Gomes da Silva é engenheiro engenheiro agrônomo e fazendeiro. Foi presidente do Incra e Secretário da Agricultura, do Est. de S. Paulo

Um sobrevivente do holocausto

Em tempos de listas, a de Schindler certamente causou impacto a ponto de levar multidões aos cinemas para ver a obra de Steven Spielberg. BRASIL AGORA foi buscar na vida real o depoimento de um sobrevivente de Auschwitz. Ele relata o dia-a-dia no campo de concentração e abre o jogo: a guerra foi uma saída para o capitalismo alemão.

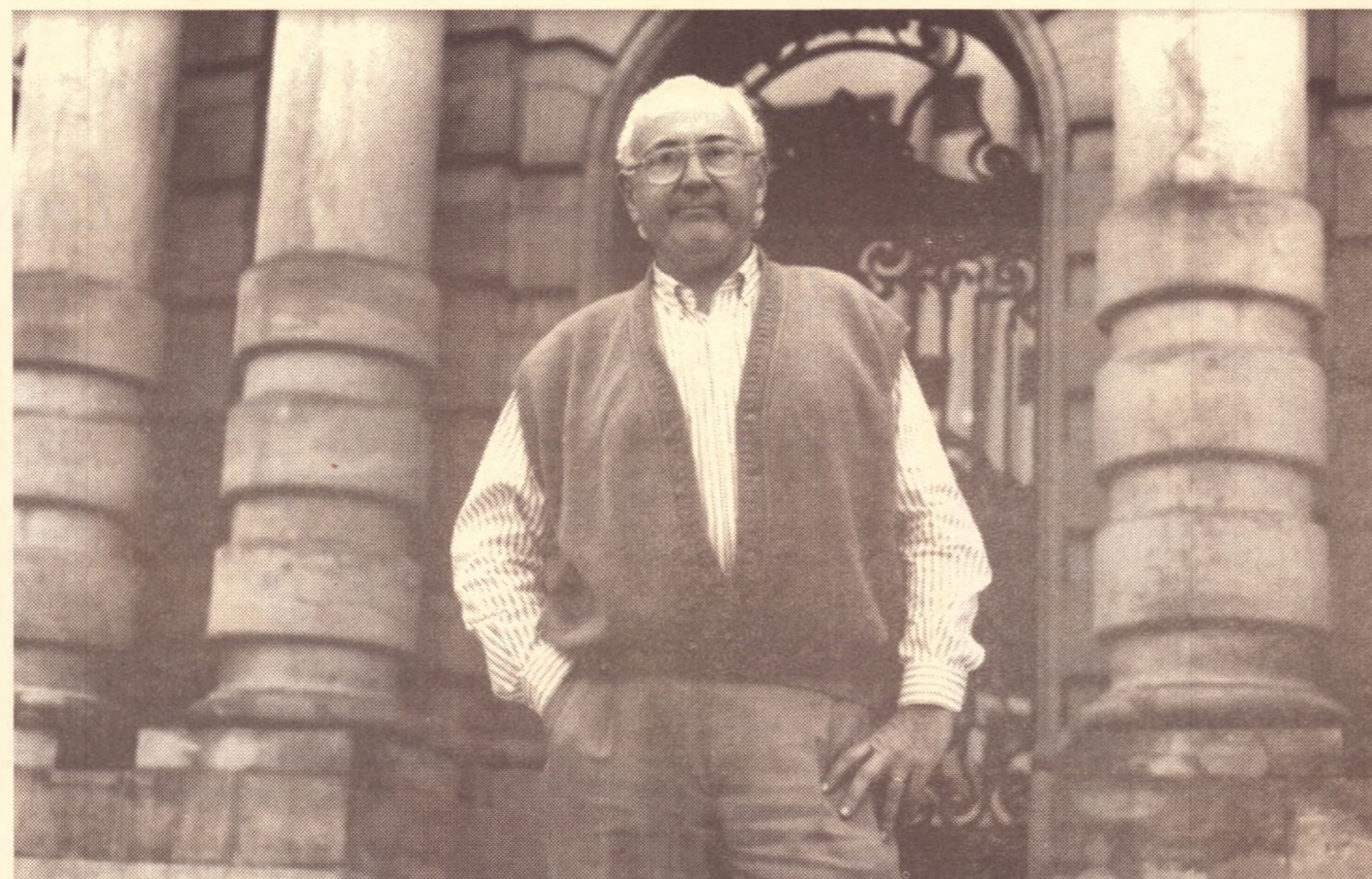
No final de 1972, Francisco mudou-se para o Brasil com a mulher e os três filhos. Sua mãe vive em São Paulo desde 84. O pai morreu em fevereiro de 74. Ele permaneceu fiel aos princípios socialistas que aprendeu no ginásio em Zagreb (atual capital da Croácia) e na universidade, em Montevideo. "Somente onde predominar a liberdade, a fraternidade, a solidariedade e a democracia, não haverá lugar para a discriminação racial e religiosa. Uma sociedade constituída por esses ideais impedirá o ressurgimento do nazismo em todas as suas expressões", acredita. Defensor da existência de um estado palestino e outro judeu, Francisco, já naturalizado brasileiro, é um eleitor que faz questão de declarar seu voto para presidente: Lula.

Adeus aos pampas

No final da primeira guerra mundial, os principais portos do lado atlântico da América Latina passaram a receber grande quantidade de imigrantes. A Europa, destruída, não oferecia motivos para a esperança. Foi em um grupo desses que chegou a Montevideo o jovem húngaro Luiz Balkanyi. Hábil no comércio, ele conseguiu em pouco tempo a estabilidade financeira. Do casamento com a também húngara, Eta Rosenberg, nasceu, em 1928, seu filho único, Francisco. Um ano depois, Luiz decidiu voltar a Chakovec para rever a família. Naquele momento, ele não sabia que uma crise econômica começava a abalar o mundo, abrindo as portas para o surgimento do nazismo na Alemanha. A Europa, que mal havia se recuperado da guerra, ensaiava os primeiros passos para entrar em uma nova tragédia que marcaria para sempre o destino da família Balkanyi.

As férias em Chakovec foram se estendendo e quando Francisco percebeu, já tinha amigos e curtia a infância entre lagos e bosques daquilo que na época já era parte da Iugoslávia. Seu pai parecia ter abandonado a vida nos pampas pela segurança da proximidade com os familiares.

A centenas de quilômetros dali, a Alemanha buscava como resolver sua crise econômica. Nesse momento, surge Hitler e o seu Partido Social-nacionalista, que ganham a adesão da popu-



Francisco, hoje quase meio século depois da 2ª Guerra mundial

lação, cansada da hiperinflação e das garantias que a república oferecia. No fundo, a possibilidade de uma nova conflagração mundial era uma alterna-



A família reunida

tiva do capitalismo alemão à crise. A tentação de mudar o jogo era inevitável e o carisma do "führer" alimentava o ódio contra os "inimigos" do povo; os judeus e os comunistas. Ambos se tornariam mão-de-obra barata no conflito.

Naquela época, as notícias demonstravam para chegar. Sabia-se da guerra, mas era como se ela estivesse acontecendo em outro planeta. Até que em março de 1944, a rotina pacata de Chakovec foi quebrada pela ocupação dos alemães. Imediatamente eles prenderam as lideranças mais importantes da comunidade e obrigaram os judeus a se apresentarem no Templo, conver-

tido em gueto, caso contrário, os detidos seriam mortos. Os alemães diziam que os judeus iriam trabalhar na agricultura em outra parte do país, e por tempo determinado. Ninguém ousou duvidar.

Francisco e seus pais embarcaram num trem de carga no dia 2 de maio, no primeiro contingente de judeus húngaros deportados. No meio do caminho, o trem tomou o rumo da Polônia. Seu pai só conseguiu dizer uma frase: "Era tudo mentira".

Dois dias depois, a viagem acabou numa estação perto de Cravóvia. Os passageiros entravam numa fila e eram selecionados por um alemão alto e forte e que gritava o tempo todo e despertava medo entre as pessoas. Seu nome: Joseph Mengele. A família Balkanyi não foi retirada da fila. Mais adiante, porém, veio a ordem para que Eta Rosenberg, ainda jovem e bonita, fosse separada de sua família. Naquele dia, eles começaram a acreditar na história dos assassinatos em massa de judeus. Não houve tempo para despedidas. Apenas um acordo: quando tudo aquilo acabasse e se eles estivessem vivos, voltariam a se encontrar na mesma casa em Chakovec.

O prisioneiro 186.650

Francisco e seu pai terminaram no campo de concentração de Auschwitz. Aos 15 anos, ele recebeu uma tatuagem involuntária no braço esquerdo: prisioneiro número 186.650. Olhando os

galpões, as cercas eletrificadas de arame farpado e as instalações "Proibidas", ele se perguntava por que estaria ali. Por causa da idade, Francisco foi designado trabalhar numa indústria química ao campo, a I.G. Farbenindustrie, hoje conhecida mundialmente como Hoechst.



Francisco aos 10 anos

O esquema de trabalho era brutal: de segunda a sábado, das 7 às 16 horas. No almoço e no jantar era servido sempre uma sopa intragável e sem vitaminas. De manhã, a sorte não era melhor: café ralo, um pedaço de margarina e um pão feito à base de serragem. Quando chegou ao campo, Francisco tinha quase 80 quilos. Quatro meses depois, pesava menos 50.

Todos os dias, antes e depois do trabalho, os oficiais nazistas, auxiliados por prisioneiros que tinham mudado de lado e serviam como alcaguetes, faziam a contagem. Cada tentativa mal sucedida de fuga era penalizada com enforcamento público.

Nos últimos meses de 44, o cerco contra as tropas alemãs começou a se fechar. Auschwitz já não era um lugar seguro diante do avanço do exército vermelho. Veio a decisão de abandonar o campo somente com os prisioneiros que ainda estavam em condições de andar. Auschwitz iria pelos ares junto com aqueles que estavam fracos ou hospitalizados. Esse era o caso do pai de Francisco. Internado já meses, ele não conseguiu se recuperar da desnutrição a que fora submetido. No acam-

pamento que servia de hospital.

Francisco ainda pensou em deitar-se ao lado de seu pai e morrer junto com ele. Afinal, a vida não tinha sentido naquela situação.

Seu pai não deixou, lembrando que a luta pela sobrevivência teria que acontecer até o fim. Francisco despediu-se e na manhã seguinte partiu.

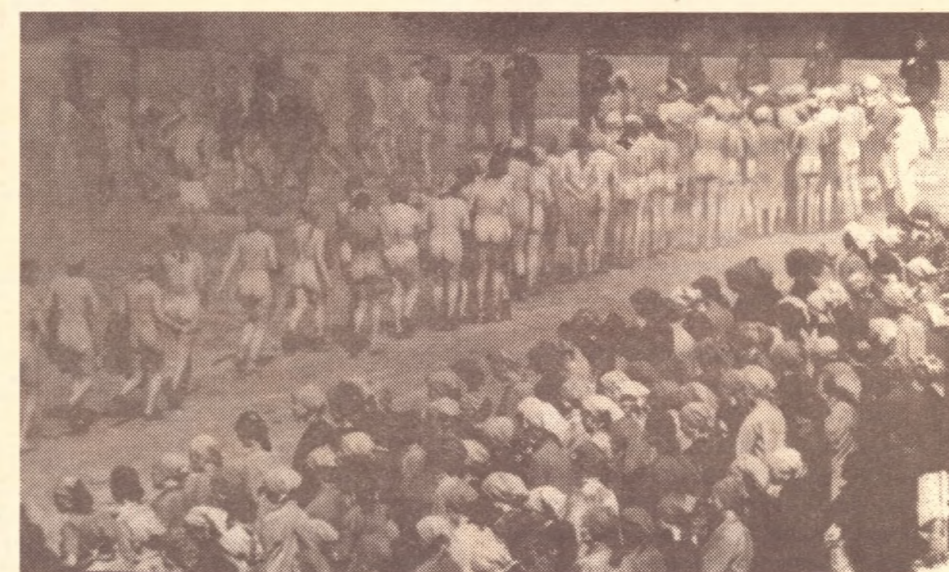
Foram 24 horas de caminhada na neve até Cracóvia apenas com a roupa listrada de prisioneiro, boné, um agasalho, um par de meias e sapato. Enquanto andava, Francisco pensava em seu pai, deitado numa maca esperando apenas o momento de morrer. Auschwitz ia ficando para trás como uma terrível lembrança, embora ele soubesse que o que viria pela frente não seria tão diferente. E não foi.

Frio e fuzilamento

Durante a longa marcha pelas montanhas nevadas, muitos judeus morreram de frio ou foram fuzilados quando

já não suportavam andar. Em Cracóvia, os sobreviventes embarcaram num trem de carga semi-aberto, desses que transportam gado. Mais uma vez o frio cuidou de aniquilar as esperanças de centenas de prisioneiros. Em cada amanhecer era possível saber a nova matemática do dia. Para não ter o mesmo destino, aqueles que conseguiam sobreviver se cobriam com os corpos dos companheiros. A viagem durou duas semanas. Dos 250 prisioneiros que embarcaram no vagão de Francisco, apenas 20 chegaram com vida no campo de Buchenwald, na Alemanha.

A situação no novo campo indicava que a guerra estava próxima do fim. A comida ficava cada vez mais escassa. As jornadas de trabalho eram suspensas de uma hora para outra em conseqüências do bombardeio aliado nas fábricas e os alemães não conseguiam esconder a preocupação por trás da postura disciplinada e rígida. A derrota nazista se tornava uma questão de



O desespero nos campos de concentração

tempo. Essa realidade anunciava uma boa notícia que contrastava com uma outra, bem ruim. "Na medida que os alemães tiveram a certeza que perderam a guerra, o que farão conosco?", indagava Francisco. Outra dúvida era a capacidade de resistência de um organismo completamente debilitado. Para piorar as coisas, Francisco havia levado uma coronhada de baioneta durante a viagem. Sem curativo, o ferimento infeccionou, espalhando bolhas de pus pela cabeça inteira, o que lhe valeu a internação.

a pessoas que estavam completamente debilitadas. Essa dieta mal conduzida matou centenas de prisioneiros em poucos dias. Graças a um estudante de medicina, que ele nunca mais encontraria, Francisco iniciou uma recuperação mais lenta, com alimentos leves. Em duas semanas recuperou dez quilos.

A volta para casa

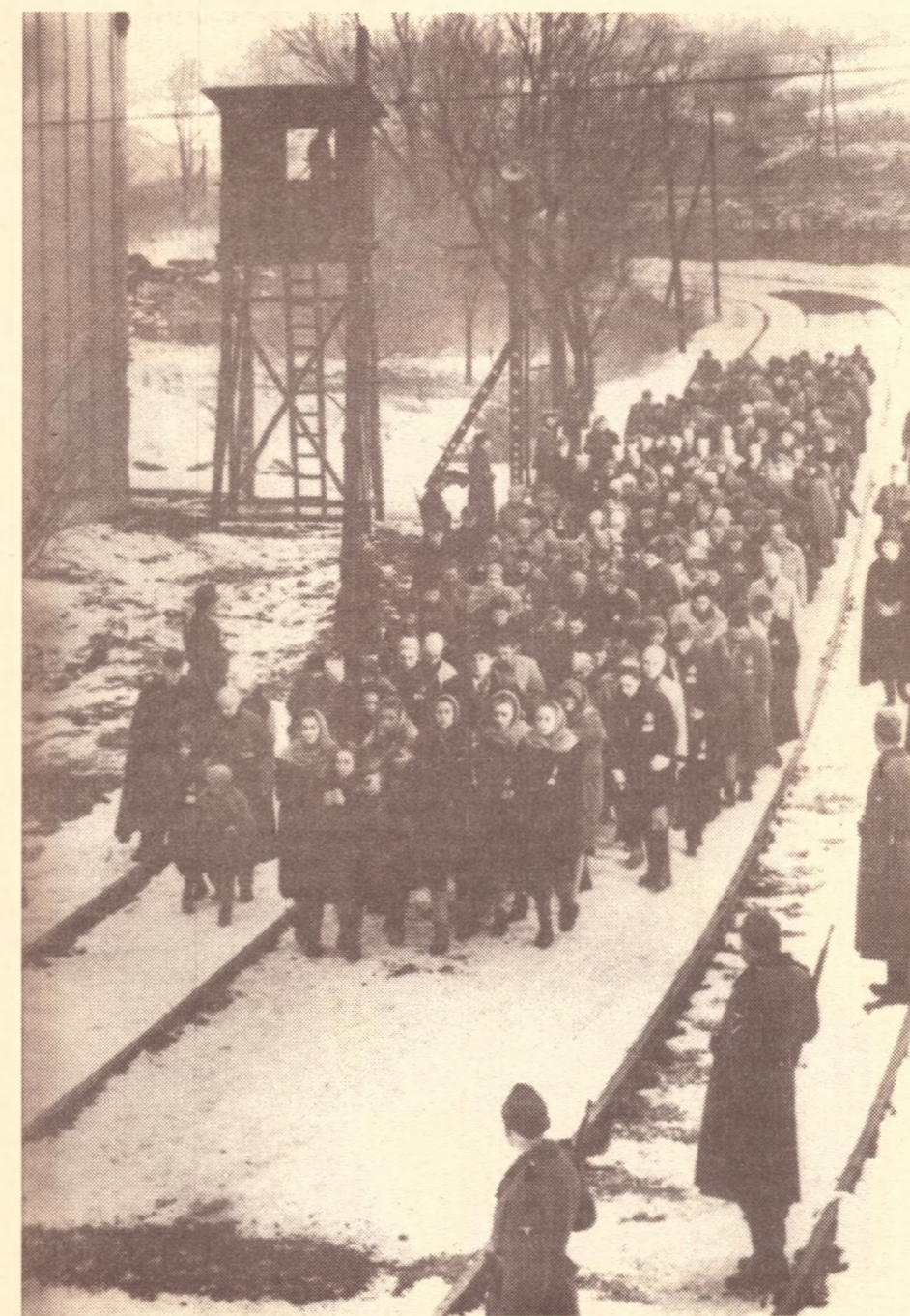
Agora vinha a parte mais difícil: voltar para casa e saber o que havia acontecido com a família. Apesar de tudo, Francisco ainda mantinha uma esperança secreta de reencontrar seus pais. Numa antecipação do que seria o mundo dali para a frente, os americanos desestimulavam a volta dos sobreviventes que eram de países agora controlados pelo exército vermelho. Mas Francisco não queria deixar de cumprir o acordo que fizera. Voltaria para Chakovec de qualquer maneira.

Conseguiu uma carona e chegou a Praga. Como o novo governo da Tchecoslováquia dera passe livre para os ex-prisioneiros, Francisco seguiu para Budapeste, capital da Hungria.

Quando entrou em Chakovec, ele não reconheceu as pessoas. Sua antiga casa abrigava uma outra família e a livreria de seu pai fora confiscada pelo governo iugoslavo. Caminhou pelas ruas tão conhecidas na esperança de reencontrar alguém. Reencontrou seu pai. Os russos avançaram rápido demais não dando tempo de os alemães explodirem Auschwitz.

Passado um mês, eles não acreditaram quando viram Eta Rosenberg bater na porta da nova casa. Ela fora trabalhar do lado do crematório, onde separava a roupa dos prisioneiros que iam para as câmaras de gás. O nazismo não havia conseguido destruir a família de Francisco, o prisioneiro número 186.650. Anos mais tarde, os Balkanyi retornaram a Montevideo.

Marco Piva



Boas vindas à fábrica de Schindler

Como eles agem

Denúncia corajosa do deputado petista, Elói Pietá, revela meandros do jogo

A prioridade dos banqueiros do bicho em São Paulo não tem sido eleger representantes nas câmaras, assembleias ou governos. Citam-se alguns eleitos com recursos do bicho, como Campos Machado, deputado estadual líder do PTB, ou o vereador do PMDB da Capital, Gilberto Nascimento. E há muitos outros que tentaram e não conseguiram se eleger.

A efetiva prioridade dos bicheiros tem sido comprar a polícia, para que seus negócios funcionem com sossego. As provas são abundantes: sempre que é estourada uma banca do bicho e nela se encontram anotações de despesas fatalmente aparecem as propinas para a polícia.

É o caso da contabilidade de Albino Fantazini, o Picas, um bicheiro médio da Grande São Paulo, pertencente à holding de Ivo Noal, o maior bicheiro paulista. Quando, no ano passado, a Polícia Militar resolveu atacar a fortaleza de Picas em Guarulhos, ao mesmo tempo em que preservava os negócios de outro bicheiro rival dele, entre pules e máquinas de calcular ela apreendeu um livro do dia-a-dia das despesas da banca durante dez meses.

Sócios

A análise do livro-caixa mostra a estrutura padrão da empresa do bicho. O banqueiro geralmente tem sócios. No caso de Picas, sua companhia limitada tinha seis, cabendo para ele 44 por cento dos resultados.

Quando chegam apostas muito altas, que se premiadas não poderão ser honradas com os recursos desta empresa média, a aposta é repassada imediatamente para um grande bicheiro, sob a denominação de descarga.

É a expressão maior do vínculo que une os grandes, médios e pequenos banqueiros numa organização estadual. Os jornais registraram que em Las Vegas os macro-bicheiros de vários estados se reuniram para uma conferência nacional.

A banca tem uma infraestrutura composta de salas alugadas no centro e nos principais bairros para apuração das apostas várias vezes ao dia.

É como redação de jornal que obedece prazos industriais rigorosos para o fechamento. Completam a infraestrutura os locais de coleta do jogo - bancas de jornal ou bancas exclusivas -, os carros - especialmente táxis - e as motos para o transporte das apostas e dos valores dos prêmios.

Empresa normal

A empresa clandestina tem empregados nas sedes, apuradores e escriturários, e uma rede de recebedores de apostas ou cambistas, todos recebendo salário, adiantamento e vales como nas empresas normais.

A contabilidade registra ainda despesas de custeio tais como a manutenção de veículos, os gastos de combustível, de material para o jogo, aluguéis, e tudo o que é normal num escritório, além da assistência social aos empre-



gados, como remédios, hospital, enterro.

Finalmente, a polícia faz parte da folha mensal ou semanal de pagamento. Começando pelos distritos policiais, onde normalmente o dinheiro é entregue ao delegado titular ou a chefe dos investigadores, que dirigem as equipes permanentes dos distritos, encarregados de planejar a ação policial.

As equipes de plantão tendem a ficar de fora da propina sistemática pois sua postura é mais passiva, permanecendo no distrito para registrar e resolver ocorrências.

Assim o bicho sobrevive secularmente como reprodutor da degradação da polícia. Ela, ao receber propinas constantes da contravenção, vai se acostumando a se vender a outros setores do crime: o tráfico de entorpecentes, as quadrilhas organizadas de roubo de veículos, de assaltos, à exploração organizada da prostituição, etc.

Favorecimento

A promiscuidade entre a polícia e a contravenção é tanta que, nos raros momentos de repressão, sempre é provável que haja por trás dela a exigência de aumento do valor das propinas ou o favorecimento de um concorrente.

O comportamento da polícia diante dos ricos materiais apreendidos nestas batidas eventuais é revelador de sua associação com os bicheiros.

Normalmente não faz inquérito policial. Só faz o flagrante e, mediante pagamento de fiança, libera os detidos em algumas horas.

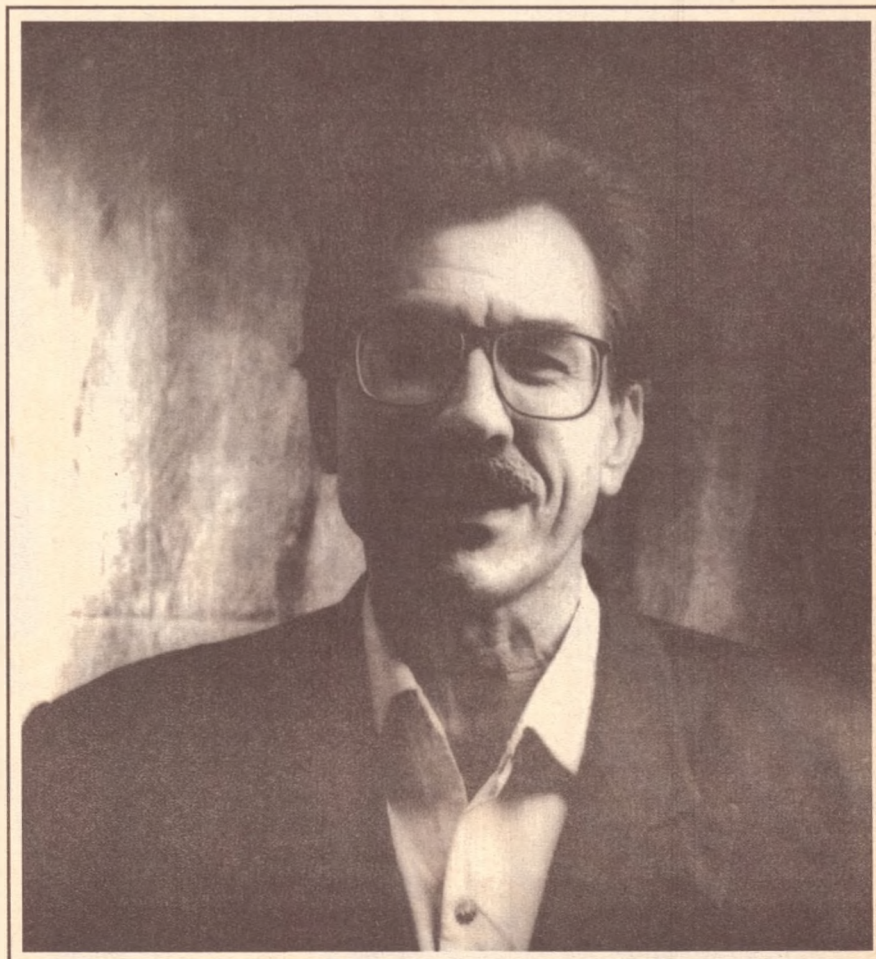
A perícia se concentra em aspectos secundários, do tipo quem escreveu nas pules de apostas, que depois são trocadas para que nunca confira a grafia

delas com a das pessoas detidas.

Os promotores públicos públicos e juizes depois se concentram em denunciar e julgar a contravenção, a prática proibida do jogo, e desprezam a corrupção. Quando o fazem, enviam os documentos para a Corregedoria da Polícia para lá serem engavetados.

Além do bicho

Acabar com as empresas do jogo



Elói Pietá, deputado estadual do PT

do bicho faz parte da obrigação do Estado para resguardar a coletividade. Não podemos pensar jamais que a empresa do bicho se limita simplesmente ao jogo, à sonegação e à evasão de dólares para o exterior. A empresa do bicho progressivamente foi se expandindo para outras atividades ilegais, especialmente o rendoso tráfico de drogas.

No exemplo do banqueiro Picas a conexão é evidente. Ele já havia sido recentemente condenado pelo comércio de cocaína. E todos sabem que, no mundo do tráfico, os assaltos são um dos meios mais comuns de obter capital para o pagamento de dívidas. Além de que dívidas não pagas não vão a protesto em cartório. O assassinato é a punição.

Para acabar com os empresários do bicho é preciso legalizar o jogo nas mãos da Caixa Econômica Federal ou outra instituição governamental. Quanto aos cambistas, normalmente pessoas aposentadas, desempregadas ou mal remuneradas, pode se dar uma chance a eles, preservando o registro e a coleta do jogo como trabalho autônomo, sem a necessidade de casas lotéricas.

A atual onda de repressão ao bicho pode ser uma oportunidade de punir mais um grupo de criminosos ricos e de limpar a polícia.

Elói Pietá, deputado estadual do PT/SP e membro da CPI do jogo do bicho na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo

Cara de um, focinho de outro

Nada separa o bicho da droga e dos grupos de extermínio

No ano passado, após as sentenças da juíza Denise Frossard de prisão dos principais chefes do bicho no Rio de Janeiro, as articulações do jogo do bicho com o crime começaram a ser expostas com mais clareza.

A corajosa iniciativa do procurador-geral da Justiça daquele estado, Antonio Carlos Biscaia, de divulgar as conexões do bicho com os políticos, a polícia e a sociedade, põe abaixo a grande dissimulação do jogo do bicho e abre possibilidade para se provar as ligações do bicho com o crime organizado e o narcotráfico.

Porque essa causa interessa tanto à sociedade civil e a todos que querem a democracia no Brasil?

Não há fronteira entre o jogo do bicho e o crime organizado, não existe um dinheiro "limpo" do povo que joga no bicho e um dinheiro sujo do crime organizado, do narcotráfico.

Quem aceita propinas do jogo do bicho está recebendo doações do crime. Aqueles que exploram o jogo do bicho vão além da contravenção e integram a estrutura do crime organizado. Além de contraventores, são homicidas, sonegadores impostos, contrabandistas de armas. Seus negócios lícitos servem para lavagem de dinheiro.

Agressão

A corrupção promovida por esses criminosos agride fundamentalmente a representação popular. Já era conhecida a promiscuidade das classes governantes e das elites com o crime.

As listas demonstram que essa tolerância do poder com a contravenção não é gratuita: articula-se com formas de dominação populistas e de terror

implantado nos bairros populares, que impedem a organização autônoma da população.

Operação casada

Governantes, deputados, vereadores, aparentemente estão sendo "comprados" pelos criminosos. Na realidade é uma "operação casada": os políticos se corrompem para garantirem os votos dos currais urbanos sob o controle do crime organizado.

A exploração de mão de obra barata e do trinômio futebol-samba-carnaval garante o circuito de clientelismo (do qual agora se aproveitam os criminosos para elegerem membros de seu meio). A propina é apenas uma das moedas nessa relação criminosa.

Há outra moeda, tão importante quanto a corrupção, que entra nessa verdadeira "operação casada", nesse conluio entre os governantes e os criminosos.

É a impunidade que se traduz pela bonomia e tolerância de agentes do Estado federal, de autoridades em todos os estados e metrópoles, em relação ao jogo do bicho, logo, ao crime organizado.

Desde os anos 1970 pelo menos, os bicheiros são réus de crimes, violentos homicídios e extermínio de menores, sem que sejam presos ou condenados. Como as listas mostram, essa impunidade era assegurada por funcionários públicos corrompidos na polícia, no ministério público e no judiciário.

Os criminosos do bicho, do alto de sua impunidade e legitimação populista, pretendem ainda substituir-se ao Estado omissivo para manipular habitantes dos bairros e localidades mais pobres das cidades.

Só fachada

Para tanto se valem de suas atividades de "empresários da cultura popular", especialmente no Rio de Janeiro" e de filantropia. Esse trabalho de benemerência é fachada semelhante ao jogo do bicho: ao manter creches, organizar as escolas de samba, empresariar desfiles de carnaval e promover times de futebol os criminosos lavam dinheiro - aliás com a anuência dos banqueiros (Não há no Brasil, ao contrário de outras democracias, restrições e depósitos vultuosos). De sobra conquistam a

legitimação junto aos grupos sociais mais espoliados.

Crime organizado

Nas relações entre o bicho e as classes populares é equivocado concluir-se por uma existência de um "contra-Estado" naqueles locais, como os morros cariocas, dominados pelo crime organizado. Os próprios criminosos macaqueiam, nas relações com essa população, as funções em que o governo se omite - serviços sociais, polícia, justiça.

E essa encenação subsiste porque tem a impunidade garantida e a cumplicidade dos próprios governantes. Governos não renunciaram gratuitamente aos requisitos da existência do Estado: território, legalidade, e monopólio da violência física legal.

Não há renúncia, não há constituição de "estado paralelo", mas conluio criminoso entre governantes, seus agentes e os banqueiros do bicho.

Eles dominam

A situação no Brasil chegou à virtual dominação do crime organizado nos morros do Rio, nas grandes metrópoles e nos estados, antigos territórios da fronteira, porque os criminosos agem como sócios de grupos no Estado e nos governos.

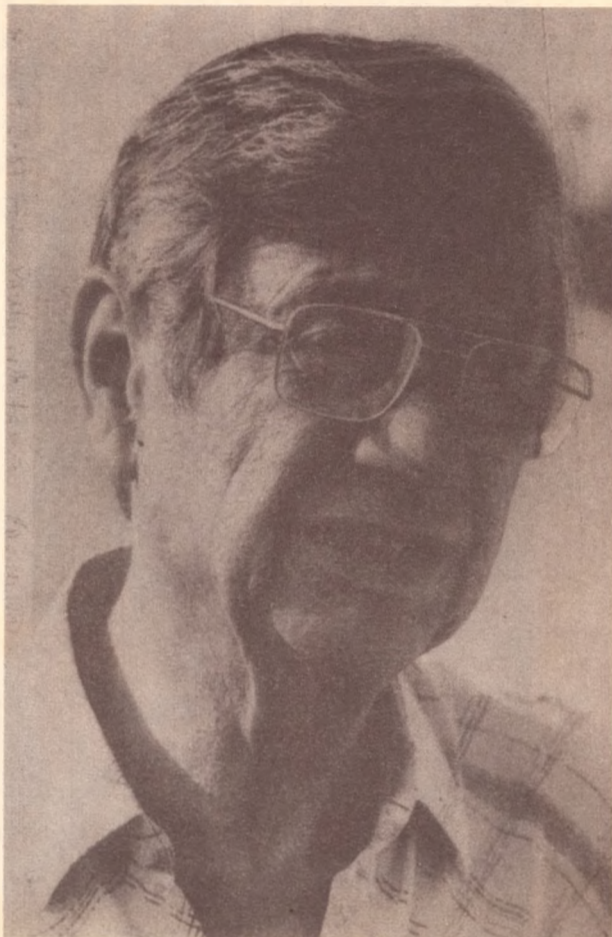
A população sub empregada é explorada pelo bicho. Preconizar a ocupação militarizada dos morros e favelas no Rio pelo exército para enfrentar o crime é proposto demagógica de pirotecnia inútil, de alto risco social, porque o coluio com o crime dos governantes, elites e classes médias não será afetado.

Se depois das listas os banqueiros do bicho e seus protetores, presos e processados - não por contravenção mas por sonegação fiscal, contrabando de armas, formação de quadrilhas e narcotráfico, o estado de direito está ameaçado.

Deve haver levantamento de sigilo bancário dos envolvidos, sequestro de seus bens e restrições aos bancos para não lavarem dinheiro do crime.

A desculpa de que o bicho (o mesmo vale para o narcotráfico...) propicia dezenas de milhares de sub-empregos é conversa para boi dormir. A massa dos funcionários do bicho deve ser tratada como contraventores e com a máxima leniência.

Zootecas



Castor de Andrade, bicheiro carioca

Se essas autoridades temerem a comoção popular e o desemprego, que o congresso e o governo criem imediatamente as zootecas, por exemplo pela Caixa Econômica Federal, com a proibição de que os banqueiros criminosos, e seus familiares ou associados participem, garantindo emprego apenas para seus pobres colaboradores.

Se há uma área que deve ser imediatamente estatizada é o jogo do bicho (e não legalizada, porque consagraria a impunidade do crime organizado).

Em nome da preservação do estado de direito, todos os movimentos da sociedade civil e partidos democráticos, como o PT, sem envolvimento com o crime, devem apoiar decididamente o aprofundamento das investigações.

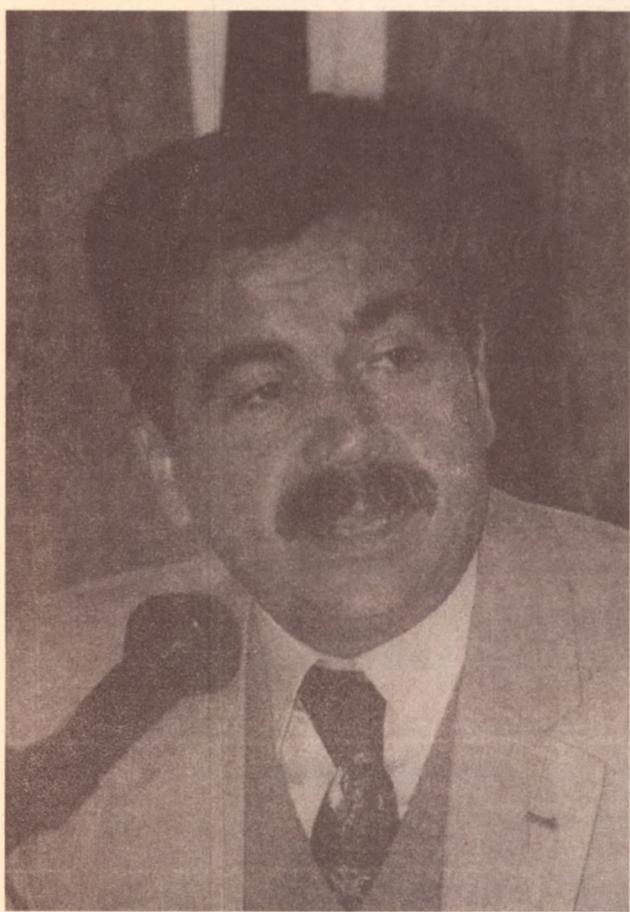
Prefeitos, secretários de segurança, juizes e promotores do mais inteiro continuam a fazer de conta que não é com eles diante do que está acontecendo no Rio.

Mas em todos os estados o jogo do bicho é o crime organizado. Se essas autoridades não agirem arriscam-se à serem responsabilizados por omissão e convivência.

Tolerância com o bicho é apoio ao crime.

Paulo Sergio Pinheiro,
é professor de Ciências
Políticas

e diretor do Núcleo de Estudos
da Violência da USP.



Nilo: peixe graúdo na lista do bicho

DESCONTO ESPECIAL PARA OS LEITORES DO BRASIL AGORA

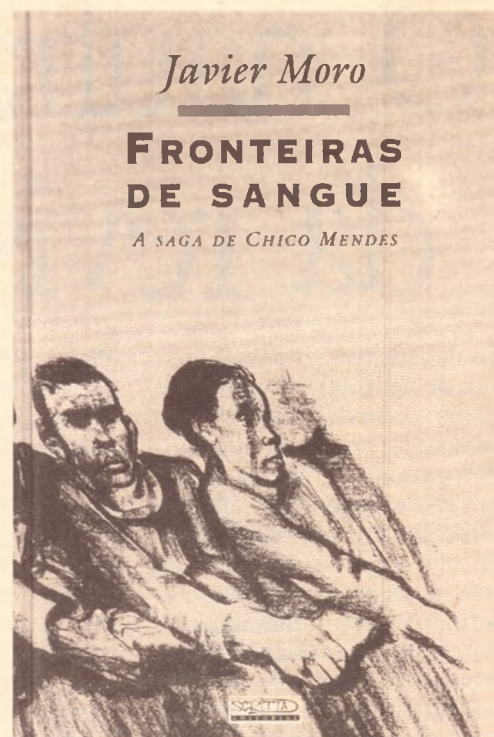
FRONTEIRAS DE SANGUE

A saga de Chico Mendes
de Javier Moro

Um romance-reportagem sobre a epopéia da Amazônia moderna e seus personagens. Baseado em fatos reais, conta — a partir da vida e morte de Chico Mendes — a história de colonizações, os conflitos, os dramas da região. Com mais de 30 mil exemplares vendidos na Espanha, além de edições para Argentina, México e França, *Fronteiras de sangue* é um marco literário e de investigação sobre a Amazônia.

Durante mais de três anos, o autor morou entre índios, fazendeiros, padres e pistoleiros. Chegou à região no dia do enterro de Chico Mendes, e dedicou-se, a partir de então, a pesquisar e escrever sobre a morte anunciada do líder seringueiro e os povos da floresta.

É uma obra obrigatória para quem quer entender o problema amazônico e os grandes conflitos que marcam o Brasil neste século. Um livro útil, sábio e um inesquecível romance.



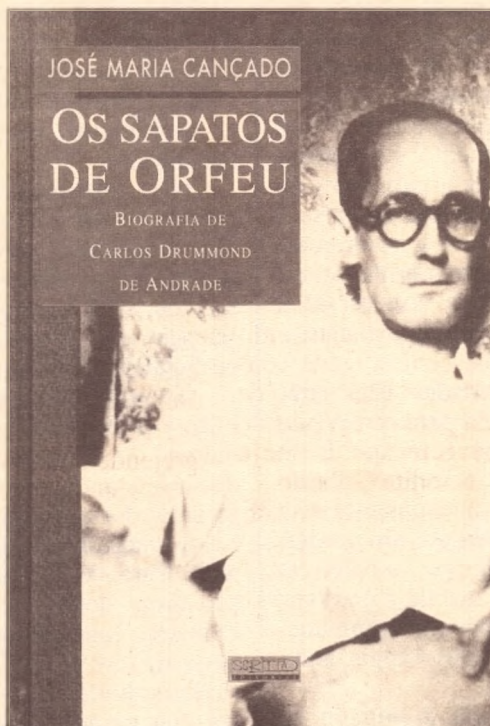
FAVELA HIGH-TECH

de Marco Lacerda

Uma modelo brasileira e um jovem americano milionário vão tentar a sorte na terra do sol nascente e do esplendor econômico. Arriscam-se. Acabam caindo na vida e encontrando a morte. *Favela high-tech*, romance-reportagem, é uma fascinante aventura no submundo japonês, a revelação de um modo de vida e de uma sociedade escondidos pelo culto à eficiência e à produtividade.

Um casal de imigrantes envolve-se com a *yakuza* — a grande organização criminosa — e o *underground* narco-sexual. E cada passo de sua tensa história vai desvendando uma realidade jamais apresentada nos inúmeros *papers* e ensaios sobre o Japão.

Marco Lacerda, com a verve dos bons romancistas de suspense, fez de uma reportagem espetacular a matéria-prima de um livro instigante. Daqueles que a gente lê de uma sentada.



OS SAPATOS DE ORFEU

Biografia de Carlos Drummond de Andrade

de José Maria Cançado

A primeira biografia de Carlos Drummond de Andrade, o poeta maior. Duros anos de pesquisa, mais de uma centena de entrevistas — e José Maria Cançado apresenta aos leitores uma obra invulgar: *Os sapatos de Orfeu*.

Uma narrativa emocionante, riqueza de informações, um retrato acurado. *Os sapatos de Orfeu* conta a trajetória de um homem a altura de seu tempo, dos sonhos de seu tempo, das angústias de seu tempo.

Que aqui não se busque apologias, elogios fáceis, um amontoado de histórias picantes: *Os sapatos de Orfeu* é uma biografia de corpo inteiro, destas que não se esquece na estante, tomada pela poeira.

É um livro que não pode deixar de ser lido por quem ainda carrega nas mãos o sentimento do mundo.



Faça já o seu pedido

Sim. Quero receber os seguintes exemplares abaixo relacionados:

quantidade	título	preço com 20% de desconto	total
_____	Fronteiras de sangue	CR\$ 12.800,00	CR\$ _____
_____	Os sapatos de Orfeu	CR\$ 14.160,00	CR\$ _____
_____	Favela high-tech	CR\$ 6.960,00	CR\$ _____

Sim. Quero receber gratuitamente o boletim Scritta Informa.

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ UF: _____

Preencha em letra de forma. Envie cheque nominal e cruzado à Editora Página Aberta Ltda. Rua Dona Germaine Burchard, 286 — Perdizes — São Paulo — SP — cep 05002-061 — Fone: (011) 262-1155. Preços válidos até 28 de fevereiro de 1994. PEDIDOS TAMBÉM PELO FAX (011) 804-9320.

TT
SCRITTA

Aos inimigos, o abuso da lei

Processos contra integrantes de prefeituras petistas é instrumento de campanha eleitoral

Mesmo sem a largada para a campanha presidencial, grupos antagônicos à candidatura Lula esquentam motores. Articulam obstáculos para tentar colocar no fosso da corrupção técnicos, políticos e lideranças populares identificados com a estrela do PT. Uma das armas do abuso da Lei.

São centenas de processos, principalmente contra ex-prefeitos petistas. Contra Luiza Erundina, ex-prefeita de São Paulo, há 100 ações judiciais.

Celso Daniel, ex-prefeito de Santo André, responde a várias ações judiciais. Contra José Augusto da Silva Ramos, de Diadema, também no ABC, há 25 processos na Justiça.

Telma de Souza, que esteve à frente da prefeitura de Santos, responde a outros tantos processos. E as ações judiciais atingem seus secretários e assessores técnicos. Em São Paulo atinge também lideranças de movimentos populares, principalmente quem esteve à frente de associações para construções da casa própria por mutirão, programa patrocinado pela Secretaria da Habitação e Desenvolvimento Urbano do Município.



Contra Luiza Erundina cem ações judiciais

Exemplo paulistano

Um exemplo do descabimento das centenas de processos são os movidos em São Paulo, através da Segunda Delegacia de Defesa Comunitária e Fundiária. Tentam incriminar Luiza Erundina, a ex-Secretária da Habitação, Ermínia Maricato, o ex-Superintendente da Habitação Popular, Nabil Bonduki, e dezenas de lideranças de movimentos de moradia. O motivo alegado para os inquéritos policiais: promoção de parcelamento do solo, em desacordo à lei federal 6766/79. Por dar uma interpretação social à lei, como outras companhias de habitação estaduais e municipais sempre fizeram, para garantir a construção de conjuntos populares, o delegado Délio Montessori indiciou criminalmente Ermínia e Nabil em cinco inquéritos. E continua indiciando de 83 mutirões, com mais de 10 mil moradias, em ritmo moroso, para garantir manchetes contra o PT durante a campanha eleitoral.

O governo malufista também não tem atendido aos requisitos de parcelamento do solo, principalmente quando as obras serão de responsabilidade de empreiteiras. Um exemplo é o projeto de verticalização de favela denominado Cingapura. À frente da prefeitura de São Paulo, o PT reverteu procedimentos informais e irregularidades que foram muito comuns na Superintendência da Habitação Popular, da Secretaria, criando procedimentos para garantir a qualidade dos novos projetos.

O delegado Délio Montessori alega ter aberto os inquéritos sobre os

mutirões, atendendo a ofício do deputado estadual Campos Machado (PTB), que solicitava apuração de denúncias contidas em matéria de jornal. Tal matéria foi publicada no segundo semestre de 1992, a partir de release enviado à imprensa pelo Tribunal de Contas do Município. O TCM paulistano é conhecido pela morosidade na apuração de falhas de administrações conservadoras e pela perseguição ao governo petista. Após articulações com o Ministério Público e o delegado Montessori, o conselheiro do TCM Paulo Planet Buarque, enviava releases à imprensa "denunciando" os

parcelamentos "ilegais" de terras. Este conselheiro já teve seu nome na revista *Veja*, quando uma funcionária do Tribunal o denunciou por assédio sexual. Pesam ainda contra ele inúmeras denúncias de uso da máquina pública em benefício pessoal. São pagamentos de viagens internacionais, de jantares, transportes de mulheres estranhas aos quadros do TCM em carros oficiais, entre outros. E ainda sua esposa era funcionária fantasma do Anhembi, empresa municipal, até ser demitida pelo governo do PT.

Loteador clandestino

O deputado estadual do PTB, que fez os ofícios originadores dos inquéritos, é acusado de promover loteamento clandestino no interior de São Paulo. A Prefeitura de Pilar do Sul move ação contra uma empresa da qual ele é sócio. A ACCM (Antônio Carlos de Campos Machado) Participações S/C loteou 290.400 m², transformando-os nos loteamentos Sítios Panorama de Panorama II, sem aprovação municipal. Estranhamente, o deputado figura como testemunha no moroso inquérito, de número 41/91, em que é acusado de infringir a lei 67.66/79. Há ainda denúncias de que seja responsável por loteamentos clandestinos em Salto de Pirapora e em Mairinque.

O terceiro articulador dos processos na área da habitação, o delegado Délio Montessori, demonstra claramente o caráter político de sua atuação, nas perguntas que faz durante os inquéritos. Em uma entrevista ao vivo na rádio CBN, durante debate com Ermínia Maricato foi obrigado a reconhecer que a gestão petista era a única da história da Secretaria Municipal da Habitação a combater de fato o loteamento clandestino em São Paulo. Além de representantes do governo

petista de São Paulo, Montessori está indiciando técnicas, projetistas e diretorias de entidades conventadas de mutirantes. "Ele mesmo nos declarou, afirma Maricato, que está "mapeando" as lideranças populares, as mesmas contra as quais já abriu inquéritos em 1990. E faz as declarações sem constrangimentos".

Reconhecimento internacional

Na falta de argumentos e diante da qualidade dos projetos habitacionais iniciados durante o governo petista em São Paulo, os adversários políticos insinuam que houve desvio de recurso nos mutirões. Novamente a "fonte" original de acusações é o TCM. Apesar da "devassa" que o Tribunal fez na Secretaria, pouco antes das últimas eleições, em 1992, as irregularidades observadas se limitaram às já aparadas pela gestão petista e punidas com o fim de repasse de recursos a alguns mutirões. Um dos acusados de promover desvio de recursos no mutirão IV Centenário, durante o governo petista, foi preminado com um cargo de confiança no governo de Maluf.

Sonhando com possíveis "trunfos", para denúncias a serem forjadas às vésperas das eleições, Maluf contratou uma conceituada empresa para fazer auditoria nos projetos habitacionais que



Construção de casas em mutirão, em SP

encontrou em andamento. Ao que indica, planejavam apurar desvios. No caso dos mutirões a empresa constatou ter havido economia de, em média 10 a 15% em quase todas as obras. E concluiu terem todos os recursos sido aplicados exemplarmente, além resultarem em 50% do preço praticado pelos poderes públicos, para obras convencionais. Diante da clara perseguição política a ex-secretária da Habitação, não tem dúvida de que "é uma discriminação, uma vergonha, o que estão fazendo". Principalmente, afirma Ermínia, porque "nosso programa de mutirão é um exemplo para o País, e a qualidade das obras tem sido reconhecida internacionalmente".

Railda Herrero

"Problema político, não jurídico"

"Não é um problema jurídico, mas sim político". A constatação é de Antônio Cornélio da Silva, 43 anos, que já foi presidente de uma das cooperativas para a construção de 800 moradias no conjunto Apuanã, zona norte de São Paulo. Ele foi indiciado há um mês pelo crime de "promover loteamento irregular". "Eles querem incriminar a Luiza, a Ermínia Maricato, afirma o aposentado por invalidez, ao avaliar perguntas do delegado Délio Montessori, na fase de inquérito.

Tentando forçar um falso depoimento, pressionando o mutirante, o delegado Montessori, perguntou se ele estava "arrepentido do crime que tinha cometido". O sr. Antônio, que participa da luta por moradia desde 1986, respondeu que estava "realizando um sonho e não um crime". Mas o sonho de entrar na casa própria está ameaçado pelo governo malufista. Das 800 famílias que trabalham há mais de três anos construindo as casas em mutirão, somente cerca de 500 serão sorteadas e terão a garantia do lar. Maluf não

liberou recursos para construir as últimas 300 moradias, da fase final do projeto.

Sonhos

"A acusação só pode ser política. Não compramos a terra, não vendemos nada. O convênio para a construção foi firmado com o poder público. Eles querem atingir a Luiza Erundina, a Ermínia e o Nabil e querem intimidar a gente, para coagir". A opinião é de Valter Cruz de Oliveira, 40 anos, também intimado por promover "possível loteamento clandestino, ao construir, em mutirão, o sonho da casa própria. Ele é presidente da Associação para Construção Juntos Venceremos, uma das quatro que está edificando o Conjunto Apuanã. Para Válder, a certeza que estão utilizando os mutirões para fazer perseguição política está na não divulgação de laudo feito por uma empresa contratada pelo governo malufista para fazer uma auditoria aos mutirões.

(R.H.)

Os primeiros ventos da mudança

Menem perde terreno apesar de eleger uma grande bancada constituinte

Como não acontecia desde 1985, a centro esquerda eleitoral argentina recuperou com a Frente Grande (FG) o terceiro lugar nas eleições para a Assembleia Constituinte que aconteceram no dia 10 de abril, abrindo uma brecha no fossilizado bipartidarismo em que peronistas (Partido Justicialista) e radicais (União Cívica Radical) se alternam no poder apelando, dependendo do caso, à uma confrontação teatral, ou como no período que antecedeu essas constituintes, à grosseira promiscuidade selada pelo pacto Menem-Alfonsín.

Abrindo sua entrevista coletiva para a imprensa na noite do domingo logo após a votação (10/04), quando seu governo obteve sem dúvida o pior resultado eleitoral em cinco anos de gestão, o presidente argentino Carlos Menem foi logo à ofensiva: "ganhamos a eleição e não me peçam uma autocrítica porque isso corresponde aos perdedores". Por trás dessa afirmação correta, porque na verdade o partido de Menem conseguiu eleger o maior número de constituintes, a fisionomia do mandatário era tensa e contrariada e essa imagem se multiplicava em cada aparelho de televisão ligado pelo país afora, colocando numa posição constrangedora a um personagem versado em marketing político. Isso porque, além de uma votação muito abaixo do esperado e do desconforto de amargar derrotas para a oposição mais crítica em redutos eleitorais importantes, o resultado das urnas pode frustrar, ou dificultar além do previsto, os sonhos futuros de Menem e seus partidários.

Voto castigo

O fato é que, mesmo introduzindo a cláusula constitucional que habilita a reeleição presidencial, um dos principais motivos para o governo querer a

reforma da Constituição de 1853, caminho aberto pelo projeto reformista negociado no acordo espúrio com Alfonsín e sua UCR (União Cívica Radical), os 37% obtidos pelo peronismo não são suficientes para que em 1995 Menem possa perpetuar-se na Casa Rosada como presidente reeleito e nada assegura que com esse percentual, saia facilmente vitorioso em um segundo turno da eleição presidencial do próximo ano.

Tropeço

Analisando a eleição constituinte por essa perspectiva, é claro que Menem e seus candidatos diretos sofreram um tropeço significativo, mas nada comparável ao que aconteceu ao ex-presidente e ex-oposicionista Raúl Alfonsín, que chegou a ser humilhante. Nos cinco anos de governo menemista, Alfonsín havia desempenhado o papel de verborágico opositor ao seu arquiinimigo político e sucessor presidencial, mas capitulou vergonhosamente ao conceder-lhe seu mais caro objeto do desejo quando assinou o pacto prevendo a cláusula da reeleição na reforma constitucional. O eleitorado, farto de tanto fisiologismo, lhe impôs a pior derrota de que tem memória a União Cívica Radical em 104 anos de vida e a jogou em uma crise interna que deixa arestas agudas, ainda que geralmente nesse partido tudo acaba em pizza.

Quem subiu às nuvens com o resultado foi o líder da Frente Grande, o portenho Carlo "Chacho" Alvarez, que



Menem, sorriso amarelo

recebeu com sincera surpresa os 37% obtidos na capital federal, Buenos Aires, confessando que tal quantidade de votos havia sido demasiado e que "nunca esperávamos por algo assim".

Com tal performance eleitoral, a figura deste deputado federal iniciado politicamente no peronismo, onde militou desde 1967 até o rompimento com "o indulto e

as aberrações do menemismo em 1991", quando com outros dissidentes formou o Grupo dos Oito, se consolida como a principal referência desse espaço político opositor ainda incipiente que materializa a Frente Grande.

Junto com a repercussão positiva que significou ganhar na cidade de Buenos Aires, em um país macrocefálico como é a Argentina, a FG também desbancou a UCR do seu anterior segundo lugar na Província (Estado) de Buenos Aires, que além de ser o maior distrito eleitoral, concentra os bolsões de pobreza e desemprego que até agora haviam sido clientela cativa do populismo menemista e que nessa eleição deram 15% de votos ao cineasta Fernando "Pino" Solanas, também da Frente.

Coerência

Na terceira região eleitoral do país, Santa Fé, o líder metalúrgico Alberto Piccinini conseguiu 10% como candidato da FG, o que confirma o reconhecimento por sua coerência na disputa

contra os caciques sindicais da CGT desde 1974, quando os enfrentou pela primeira vez articulando a oposição de esquerda, o que lhe valeu oito anos de prisão durante a ditadura. Na Patagônia (sul do país), o bispo emérito de Neuquén, D. Jaime de Nevares, desobedecendo as "sugestões" da cúpula eclesiástica e concorrendo como candidato extra-partidário pela Frente Grande superou os "coronéis" locais do Movimento Popular Neuquino, um feito que não tinha precedentes naquelas terras da pré-cordilheira andina.

Confusão

Muitos analistas, em algum ato falho, ainda confundem a Frente Grande com a Frente Ampla uruguaia, forçando a comparação da frente portenha com uma experiência de verdadeira coalizão orgânica que já tem 23 anos de vida política e é única na história recente da América Latina. A grande imprensa argentina já se deu conta do exagero, e começa a classificar a FG como algo mais próximo à "via chilena" que à uruguaia, onde o atual prefeito de Montevidéu, o médico Tabaré Vazquez, aguarda com grande expectativa o último domingo de novembro, quando disputará com o ex-presidente Sanguinetti o cargo presidencial.

No que parecia um cenário sem graça nenhuma, com um final previsível para a peça encenada, surge uma mudança que, embora ainda incipiente e limitada, pode ser o início de um processo interessante, que venha a alterar os planos absolutistas de Menem e dar novas esperanças à esquerda argentina. A Frente Grande, embora ainda frágil, sabe a responsabilidade que terá daqui para frente.

Darío Pignotti/
Agência Acopi
de Buenos Aires

ENTREVISTA : CARLOS "CHACHO" ALVAREZ

"Nosso desafio é ser uma alternativa de poder"

Ainda comemorando os resultados de 10 de abril, mas preferindo a prudência ao entusiasmo exacerbado, Chacho Alvarez, que foi convidado a participar do Encontro Nacional do PT, concedeu esta rápida entrevista exclusiva a Darío Pignotti, do Brasil Agora, prometendo um próxima mais profunda. O líder da Frente Grande reconhece que não pertence à esquerda, mas que tem acompanhado com muita atenção desde o início o programa do governo paralelo proposto pelo PT e admite que "hoje não temos um plano econômico para a Argentina, mas acreditamos que, sem afetar a estabilidade de Cavallo, é possível outra estabilidade". A campanha eleitoral de Alvarez marcou posição na denúncia contra a corrupção e pela volta do sentido ético à política, sem despolitizar, mas repolitizando a sociedade. Sua estratégia foi evitar a discussão econômica e suas posições

não estremecem as elites da bolsa de valores, que na segunda-feira seguinte à eleição não emitiram nenhum sinal de preocupação.

Durante a campanha, comentando as privatizações você falou do "Estado Deserto". O que seria e se chega a ser uma alternativa de poder, que fará a respeito?

A reestatização não tem viabilidade, não podemos entrar na revisão do que foi feito por este governo, mas acentuaríamos os controles sobre a rentabilidade das empresas privadas, revitalizando a capacidade de regulação estatal e a participação de usuários e trabalhadores no projeto e na vigilância dos objetos mínimos destas empresas privatizadas. Mas tudo irá depender do acompanhamento que nos confie a sociedade argentina.

Havia um acordo entre



Vitória Surpresa

Chacho Alvarez e Pino Solanas para que em 1995 você disputasse a prefeitura de Buenos Aires e ele concorresse à presidência pela Frente Grande. Como fica o acordo depois desse inesperado resultado eleitoral?

No interior da coalizão (FG)

existem ânimos de revisão sobre o tema.

Você acredita que conta com os recursos partidários e, logísticos suficientes para disputar a presidência da República em 1995?

Por enquanto não quero falar de candidaturas, mas a propósito dos recursos partidários, analisei muito a gestão de Luiza Erundina na prefeitura de São Paulo. Foi uma experiência muito interessante. Mas ela disse mais de uma vez que nem sempre a estrutura do partido lhe facilitou mais a tarefa de governar. Penso que nós da Frente não devemos buscar ter uma grande estrutura política e se fizemos um acordo com a Unidade Socialista (que não é parte da FG), estaremos em condições de formar uma estrutura diretiva e de quadros técnicos bastante satisfatória.

Os intelectuais em retirada

Eles renunciam cada vez mais ao marxismo e se tornam conselheiros políticos do status quo

É dolorosamente evidente que os intelectuais já não jogam um papel destacado como protagonistas na luta política da classe operária. A bem da verdade, para alguns a *classe operária* já não existe; para outros, a própria noção de *classe* é problemática. Marxismo converteu-se num termo vulgar, imperialismo virou uma vaga referência, socialismo é usualmente colocado entre aspas e os agudos lamentos pela crise ideológica foram substituídos por declarações de fracasso, desintegração e morte.

A posição paradoxal assumida por esses intelectuais apoia-se na alegação de que descobriram novas realidades sociais, políticas e econômicas que colocam as categorias marxistas fora de moda, ao mesmo tempo em evidenciam uma mescla de conceitos pertencentes ao mais tradicional lugar comum: "sujeitos racionais", "equilíbrio econômico", "equidade distributiva", "democracias processuais", "preferências individuais".

Sua retirada do marxismo é acompanhada por um retrocesso à democracia liberal e à economia neoclássica. Encontramo-nos de volta aos debates da década de 1950 (ou aos dos anos 1850), com uma limitação: o otimismo intelectual que acompanhou a ortodoxia anterior estava enraizado em uma economia mundial capitalista expansiva, na qual o crescimento industrial, um forte movimento operário e as políticas oficiais de seguridade social eram elementos presentes e dominantes.

Conformismo

Os intelectuais conformistas de hoje têm poucas bases para alegar um fracasso do marxismo, apesar das pretensões pseudo-científicas de alguns. Com dez milhões de desempregados na Comunidade Européia e sendo três quartas partes dos novos postos de trabalho no mundo capitalista uma variedade de serviços temporários de baixa remuneração e baixa qualificação, com as economias de mercado latino-americanas em uma crise que já dura mais de uma década e que levou o nível de vida a um patamar inferior ao dos princípios dos anos 60, a duras penas podem ser encontradas bases para algum otimismo nas frágeis estruturas do capitalismo ocidental.

Os êxitos do capitalismo estão em outro lugar: nas esferas da economia de papel, na especulação e no saque ao Estado. Os intelectuais ex-radicalizados contribuem para o fortalecimento do poder dos especuladores e dos neoliberais com seus ataques contra o *estatismo*... em nome de uma química sociedade civil.

Intelectuais em retirada não são um fenômeno novo. Durante as décadas de 30 e 50 teve lugar um processo similar. Sob a pressão dos acontecimentos, contingentes inteiros de ex-marxistas abandonaram a política da classe trabalhadora e iniciaram sua transição para o centro, e para além do centro.

Nos Estados Unidos, os ex-mar-

xistas terminaram como partidários da Guerra Fria, alguns se uniram ao macartismo, enquanto outros mantiveram compromissos residuais com o bem-estar social através de um anticomunismo visceral. Essa mescla de intelectuais ex-trotsquistas e ex-comunistas foi a antecessora imediata da colheita atual. Também eles alegaram ter ido "além do marxismo" e do *reducionismo classista*, descobrindo os valores intrínsecos da democracia capitalista e da livre iniciativa, enquanto criticavam os "bolsões de pobreza" como parte de um sistema distributivo imperfeito.

Nenhum deles antecipou a ebulição dos principais centros urbanos norte-americanos, a matança de três milhões de asiáticos com *bombas democráticas* ou o desmantelamento do Estado de bem-estar social, que tão confortavelmente assumiam como inseparavelmente unido ao "capitalismo maduro" e a um duradouro consenso social.

Fenômeno mundial

A renúncia dos intelectuais ao marxismo não é um fenômeno meramente europeu e norte-americano, é também evidente na Europa oriental e no Terceiro Mundo, particularmente na América Latina.

No passado, a América Latina possuía o que Gramsci chamou de "intelectuais orgânicos": escritores, jornalistas e economistas comprometidos diretamente com as lutas sociais e políticas contra o imperialismo e o capitalismo. Eram parte integrante dos sindicatos, movimentos estudantis e partidos revolucionários.

Para milhares de outros intelectuais, o exemplo político e pessoal dos intelectuais orgânicos servia como padrão, do qual eles se aproximavam, em maior ou menor grau. Havia uma contínua luta interna entre o oportunismo profissional e os compromissos políticos.

Essa luta raramente tem curso hoje: foi superada e esquecida entre as novas gerações de intelectuais engajadas nos institutos de pesquisa. Uma das maiores ironias de nosso tempo é o fato que os intelectuais institucionais da América Latina que fizeram de Gramsci um fetiche, citando e distorcendo seus escritos para cobrir sua retirada do marxismo e seu ataque à política de classe, hoje esforçam-se para obter a maior soma em dinheiro da agência de financiamento mais acessível.

Hoje em dia, os intelectuais institucionais são prisioneiros de seus próprios e estreitos laços profissionais. Seus vínculos com as fundações estrangeiras, com as burocracias internacionais e os centros de investigação dominam uma vazia e sedentária vida política interna.

No passado, os intelectuais orgânicos lutaram por uma vida intelectual auto-sustentada, auto-financiada. Viveram e sofreram os ciclos econômicos de seus países. Hoje, os intelectuais institucionais vivem e trabalham em um mundo de dependência externa, amparados por pagamentos em moedas fortes e de ingressos independentes das circunstâncias econômicas locais.

Uma profunda vinculação horizontal interna entre os intelectuais orgânicos e as classes oprimidas contrasta com a vinculação vertical entre os intelectuais institucionais e as agências de financiamento externo e, com o advento de regimes civis, com o Estado e os regimes locais.

Transformação

O período entre o final dos anos 70 e os anos 80 testemunhou uma transformação fundamental nos intelectuais latino-americanos: uma mudança do marxismo para as políticas liberal-democráticas, do apoio aos movimentos do poder popular às instituições parlamentares burguesas, do igualitarismo à mobilidade social, do coletivismo a um obscuro "bem-estar social", do antiimperialismo à "interdependência". Estruturalmente, os intelectuais da América Latina deixaram de ser intelectuais orgânicos conectados e dependentes dos movimentos populares para tornarem-se intelectuais institucionais atados a agências de financiamento e suas prioridades intelectuais.

As ditaduras criaram indiretamente uma nova classe de intelectuais com inclinações "internacionais", crítica aparente do modelo econômico neoliberal, mas tão profundamente atadas a relações dependentes com as redes estrangeiras como seus supostos adversários às elites financeiras e exportadoras.

Essa nova classe tem um estilo de vida e trabalho que contrasta severamente com as gerações precedentes de intelectuais orgânicos.

O problema do compromisso intelectual está relacionado com a audiência a que cada qual se dirige: o intelectual institucional escreve para, e trabalha dentro de, os limites de outros intelectuais institucionais, seus patrões estrangeiros, suas conferências internacionais.

Como ideólogos políticos, estabelecem fronteiras com a classe política liberal. Os intelectuais orgânicos, ao contrário, integram a tropa de ativistas e militantes políticos, com uma visão global que desafia os limites do mercado liberal burguês.



Seu trabalho vincula as lutas locais nas minas, bancos e fábricas como instâncias concretas de combate à dominação imperialista global. Articulam o descontentamento social com as lutas políticas contra um Estado classista claramente determinado.

Contra-revolução

Em seu sentido mais amplo, a ascensão dos intelectuais institucionais e o declínio dos intelectuais orgânicos representam uma contra-revolução cultural, um grande salto atrás.

Este é o mundo do intelectual como "conselheiro político interno", gerente da conformidade política, (ou, em sua linguagem) do consenso político. Para os arrependidos intelectuais ex-radicalizados (aqueles que converteram sua vocação política em uma vocação institucional) a essência da política é a burocracia. O eixo da política gira ao redor de estreitos interesses institucionais, desenvolvendo laços com os chefes dos centros de poder burocrático.

Não há parentesco entre as opções políticas dos intelectuais institucionais e a realidade da América Latina. Sob condições de absoluta e permanente regressão sócio-econômica, de massiva miséria popular e crescente descontentamento social, a linguagem e a prática conceitual de reconciliação social e política são surrealistas. Não refletem realidades latino-americanas objetivas: refletem a reconciliação dos intelectuais com os parâmetros das agências internacionais de financiamento.

James Petras, nascido nos Estados Unidos, é professor de Sociologia na Universidade de Binghamton, em Nova York. Autor de numerosas publicações (entre elas, *América Latina, reforma ou revolução*; *Classes, Estado e poder no Terceiro Mundo*), é um dos principais representantes do pensamento progressista em seu país.



PEQUENOS EMPREGOS GRANDES NEGÓCIOS

